

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO LICENCIATURA CIÊNCIAS SOCIAIS

DIOGO DE SOUZA SILVA

UTILIZAÇÃO DE VIDEOAULAS NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

ALAGOAS

2023

DIOGO DE SOUZA SILVA

UTILIZAÇÃO DE VIDEOAULAS NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de conclusão de curso na modalidade de relatório de ensino apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais

Orientadora: Prof. Dra. Fernanda Feijó

ALAGOAS

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586u Silva, Diogo de Souza.
Utilização de videoaulas no ensino de sociologia no ensino médio / Diogo de Souza Silva. – 2022.
87 f.

Orientadora: Fernanda Feijó.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais:
Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências
Sociais. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 68-71.
Apêndices: f. 72-87.

1. Videoaula. 2. Ensino de sociologia – Ensino médio. 3. Tecnologias de
Informação e Comunicação. 4. Recursos imagéticos. 5. YouTube. I. Título.

CDU: 316 : 371.3

Folha de Aprovação

DIOGO DE SOUZA SILVA

UTILIZAÇÃO DE VIDEOAULAS NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 23 de Outubro de 2023.



Documento assinado digitalmente

FERNANDA FEIJO

Data: 21/11/2023 18:35:44-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Orientadora - Prof. Dra. Fernanda Feijó , Centro de Educação

Banca examinadora:



Documento assinado digitalmente

JOSE DE OLIVEIRA JUNIOR

Data: 22/11/2023 07:04:25-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Examinador Externo - Prof. Dr. José de Oliveira Junior , Instituto Federal



Documento assinado digitalmente

JULIO CEZAR GAUDENCIO DA SILVA

Data: 14/11/2023 09:49:33-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Examinador Interno - Prof. Dr. Júlio Cezar Gaudencio , Instituto de Ciências Sociais

RESUMO

O seguinte trabalho é um relatório de ensino que tem por objetivo analisar a utilização de vídeo-aulas no processo de ensino da disciplina de sociologia no ensino médio. Primeira é feita uma revisão teórica trazendo alguns dados quantitativos sobre a utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs), o impacto que elas têm na nossa sociedade, e como mudaram a nossa sociedade e educação escolar. Depois é feita uma revisão de literatura sobre a utilização de recursos imagéticos na produção de conhecimento social, e como esses recursos podem ser utilizados no ensino de sociologia. Em seguida é feita uma revisão de literatura sobre uso de videoaulas e o uso da plataforma YouTube no processo de ensino e aprendizado. Posteriormente é feita uma aplicação prática de vídeo aulas dentro de algumas aulas para o ensino médio, que foram ministradas no contexto de estágio, e é feita uma análise utilizando referencial teórico da aplicação dessas videoaulas.

Palavras-chaves: videoaulas, YouTube, Recursos Imagéticos, Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)

ABSTRACT

The following work is a teaching report that aims to analyze the use of video classes in the teaching process of the subject of sociology in high school. First, a theoretical review is carried out, bringing some quantitative data on the use of information and communication technologies (ICTs), the impact they have on our society, and how they have changed our society and school education. Afterwards, a literature review is carried out on the use of imagery resources in the production of social knowledge, and how these resources can be used in the teaching of sociology. Next, a literature review is carried out on the use of video classes and the use of the YouTube platform in the teaching and learning process. Subsequently, a practical application of video classes is made within some high school classes, which were taught in the context of an internship, and an analysis is made using a theoretical framework for the application of these video classes.

Keywords: video classes, YouTube, Imagery Resources, Information and Communication Technologies (ICTs)

SUMÁRIO

Introdução	7
Parte 1 - Discussão Teórica	9
1 - Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).....	9
1.1- Dados Quantitativos sobre TICs	9
1.2 - Conceituando as TICs	11
1.3 - Transcendental Histórico da Sociedade em Rede	13
1.4 - Nova Interação Social.....	15
2 - As TICs na Educação	16
2.1 - Educação no atual Transcendental Histórico.....	18
2.2 - Limites ao uso das TICs na Educação Básica.....	21
3 - Recursos Imagéticos na sala de aula	23
3.1 - Antropologia e Sociologia Visual.....	23
3.2 - Representação e Representificação.....	24
3.3 - Produção Audiovisual Documental	26
4 - Recursos Imagéticos na Educação Básica	28
4.1 - Ensino utilizando imagens	29
4.2 - Estranhar e Desnaturalizar com imagens.....	31
5 - Videoaula no ensino básico com YouTube	32
5.1 - Uso de Videoaulas	32
5.2 - Usando o YouTube.....	34
5.3 - Ensinando com Youtube.....	37
5.4 - Tipos de canais e vídeos no youtube	39
5.5 - Criação de videoaulas.....	40
Parte 2 - Execução das Videoaulas.....	42
6 - Contextualização	42
7 - Planos de Aula.....	44

8 - Metodologia - Como foram feitas as Videoaula	46
8.1 - Metodologia Geral.....	46
8.2 - Metodologia Específica	48
9 - Aplicação das Videoaulas em Sala de Aula.....	52
9.1 - Aula 1 - Formação da população Brasileira.....	52
9.2 - Aula 2 - Etnocentrismo e Indígenas	53
9.3 - Aula 3 - Povos Indígenas no Brasil.....	54
9.4 - Aula 4 - Indígenas em Alagoas.....	54
10 - Resultados da Aplicação das Videoaulas.....	55
Considerações finais	59
Referências bibliográficas	68
Apêndices.....	72
Apêndice A - Planos de Aulas utilizados durante os estágios	72
Apêndice B – Roteiro para elaboração de Material Didático	82
Apêndice C – Fotos da execução das aulas.....	82

1. Introdução

O intuito deste trabalho foi realizar uma reflexão acerca de como as videoaulas podem ser utilizadas no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Sociologia no ensino básico. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica nas quais pudemos contar com o aporte teórico de monografias e artigos científicos especificamente das Ciências Sociais falando sobre diversos assuntos relacionados à temática escolhida.

As áreas de estudo das referências passam por: dados sobre utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs) no Brasil; como as TICs influenciam nas dinâmicas sociais, incluindo a educação formal; Antropologia e Sociologia visual; utilização de recursos visuais no ensino escolar; a relevância do uso de videoaulas na educação básica; e a utilização do YouTube na sala de aula.

Esse trabalho não fez só uma revisão de literatura, mas também a execução prática da utilização de videoaulas no ensino escolar, por se tratar da produção deste recurso didático. Para tanto foram criadas videoaulas, utilizadas para ministrar aulas dentro do contexto dos estágios supervisionados obrigatórios do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

O trabalho está dividido em duas partes. Na primeira parte foi realizada uma revisão bibliográfica e uma discussão teórica sobre tecnologias de informação e comunicação, seu uso no ensino, criação e utilização de imagens para estudar a realidade, utilização de imagens no ensino, utilização do YouTube e videoaulas no ensino, tudo explicado em cinco capítulos. Na segunda parte, apresentamos a execução prática das videoaulas na escola, explicando como as videoaulas foram elaboradas e aplicadas na sala de aula, e trazendo uma reflexão sobre a elaboração e produção técnica.

No Capítulo 1 trago informações de pesquisas quantitativas referentes a como as tecnologias de informação e comunicação (TICs) estão afetando o Brasil. No capítulo 2 explico como as tecnologias de informação e comunicação são utilizadas no contexto da Educação, apresentando os diferentes tipos de TICs, as gerações delas, e como impactam as escolas. Falo como é a educação na nossa sociedade que usa de tecnologias de informação e comunicação, e como isso cria um novo paradigma educacional. Também apresento os limites ao uso das TICs

na educação, assim como as capacitações exigidas para se utilizar as tecnologias de informação e comunicação na educação. Nos capítulos 3 e 4 abordo mais especificamente a utilização de recursos imagéticos como fotografias, filmagens, gravações, desenhos, ilustrações, pinturas, sejam de caráter documental ou de caráter ficcional, com foco nos conceitos elaborados no âmbito da Antropologia e da Sociologia Visual. No capítulo 5 trago algumas reflexões sobre como se dá o processo de ensino e aprendizagem no atual paradigma educacional onde existem as TICs. Os usos de videoaulas, o uso do YouTube, os tipos de canais do YouTube que ensinam. E também falo um pouco da criação de videoaula, e a seleção de videoaulas criando playlists para ser utilizadas em salas pelos professores

Na parte 2 do trabalho falo sobre a execução prática das videoaulas dentro da escola. No caso utilizei os estágios para poder aplicar as videoaulas dentro de uma sala de aula, em um contexto de escola do ensino médio.

Os estágios são divididos em quatro etapas, sendo o primeiro de observação e conhecer a escola, o segundo de assistir às aulas dadas pelo professor da escola, o terceiro de ministrar aulas, e o quarto de criar algum recurso didático e utilizar nas aulas. Fazendo os terceiro e quarto estágios, pude criar videoaulas como material didático, e utilizar na sala de aula enquanto ministrava as aulas. No contexto do estágio também pude analisar o plano de disciplina do professor; como ele dava as aulas durante o ano letivo do primeiro, segundo, e terceiro anos; analisar e registrar o plano de aula, e as aulas que o professor ministrava; criar os meus próprios planos de aulas, e aplicá-los de modo prático dando as aulas; criar e usar de diversos recursos didáticos nas aulas como slides, imagens, fotografias, ilustrações, desenhos, quadrinhos, vídeos no YouTube feitos por outros professores, e evidentemente criar videoaulas e os utilizar em sala, o que acabei fazendo neste trabalho.

No capítulo 6, o primeiro da segunda parte, começo contextualizando como foi a experiência de estágio na escola estadual Alfredo Gaspar de Mendonça no bairro do Eustáquio Gomes em Maceió, Alagoas. Explico como era a situação das TICs daquela instituição de ensino tanto da própria escola quanto dos alunos que frequentavam ela.

Posteriormente, no capítulo 7, explico como fiz os planos de aulas das quatro aulas que dei levando em consideração as TICs. No oitavo capítulo apresento a metodologia geral que utilizei para fazer as videoaulas, assim como a metodologia específica que usei em cada videoaula. E nos últimos capítulos do trabalho, explico como foi a aplicação das videoaulas nas quatro sequências didáticas que realizei escola, seguido dos resultados da aplicação das videoaulas, e como foi para os alunos e para mim aplicar a videoaula.

Parte 1 - Discussão Teórica

Capítulo 1 - Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)

O presente capítulo irá percorrer alguns dados, conceitos e teorias relativos ao desenvolvimento e ao uso das TICs, com destaque para o Brasil, buscando compreender como essas tecnologias impactam o cotidiano dos indivíduos. É fato que as TICs estão incorporadas no dia a dia da maioria da população brasileira, e consideramos de extrema importância apreender criticamente de que forma se estabelece o uso dessas ferramentas, de modo que possamos pensá-las como aliadas na sala de aula, onde estão completamente inseridas na vida dos adolescentes.

1.1 - Dados Quantitativos sobre TICs

O Brasil apresenta um cenário altamente conectado, com uma significativa quantidade de dispositivos digitais em uso. O Brasil tem atualmente mais de um smartphone por habitante, segundo levantamento anual da FGV (2023). São 249 milhões de celulares inteligentes em uso no país, que tem pouco mais de 214,3 milhões de habitantes, de acordo com o IBGE (2023). A pesquisa mostra ainda que, ao adicionar notebooks e tablets, os aparelhos resultam em 364 milhões de dispositivos portáteis, o equivalente a 1,6 por pessoa.

Segundo um levantamento da plataforma online Cuponation (2023) com base no banco de dados Statista, o país aparece em terceiro lugar no ranking das 20 nações com o maior número de usuários do YouTube em 2023. Somente no primeiro mês do ano, foram cerca de 142 milhões de brasileiros que assistiram a conteúdos online. Segundo, ainda, pesquisa feita pela Resultados Digitais (2023), as 10 redes sociais mais usadas no Brasil em 2023 são: 1º WhatsApp (169 mi); 2º YouTube (142 mi); 3º Instagram (113 mi); 4º Facebook (109 mi); 5º

TikTok (82 mi); 6º LinkedIn (63 mi); 7º Messenger (62 mi); 8º Kwai (48 mi); 9º Pinterest (28 mi); 10º Twitter (24 mi)

O número mais recente, do fim de 2022, indica que os brasileiros passam, em média, 3 horas e 46 minutos por dia conectados às redes sociais. Nesse quesito, perdemos apenas dos nigerianos, que passam quase 1 hora a mais que nós de olho no celular. Esse cenário reflete a crescente digitalização e conectividade da sociedade brasileira, onde dispositivos digitais e redes sociais desempenham um papel fundamental na comunicação, interação social e acesso à informação.

Segundo o IBGE (2021), em 2021 a conectividade à internet no Brasil atingiu um marco significativo, com 90,0% dos domicílios possuindo acesso à grande rede. Além disso, a pesquisa também revelou um crescimento na conectividade em áreas rurais, passando de 57,8% em 2019 para 74,7% em 2021, impulsionado, em parte, pela expansão do 4G e da fibra óptica.

Em Alagoas, especificamente, 26,8% da população não tem acesso à internet até 2019. Entre os usuários de dispositivos e internet, 99,7% têm o smartphone como principal equipamento. Já o tablet é citado por 30,9%, e televisão com acesso a internet 24,2%.

A proporção de pessoas conectadas aumentou em todas as faixas etárias, com destaque para o grupo de 60 anos ou mais, que registrou o maior crescimento proporcional, passando de 44,8% para 57,5%. Esse aumento pode ser explicado, em parte, pela pandemia de Covid-19, que levou os idosos a acessarem mais a internet devido às medidas de isolamento social. Também foi observado um crescimento significativo na faixa etária de 50 a 59 anos, com o percentual de utilização da internet subindo de 74,4% para 83,3%.

Além disso, a pesquisa destacou que o acesso à internet está relacionado com a classe socioeconômica e a escolaridade das pessoas. A classe A apresentou o maior percentual de acesso, com 98%, seguida pelas classes B (93%), C (85%) e D/E (66%). Da mesma forma, a porcentagem de acesso à internet aumentou de acordo com o nível de escolaridade, com 94% das pessoas com ensino superior, 91% com ensino médio e 71% com ensino fundamental tendo acesso à internet. Quanto aos dispositivos utilizados para acesso à internet em casa, o celular foi o principal meio, sendo utilizado em 99,5% dos domicílios com acesso à grande rede, seguido pela TV, utilizada em 44,4% dos domicílios, superando o computador pela primeira vez.

Em conclusão, a pesquisa revela o contínuo crescimento da conectividade no Brasil, com mais domicílios e pessoas acessando a internet. A pandemia de Covid-19 desempenhou um papel importante nesse aumento, impulsionando a utilização da internet em todas as faixas

etárias. Além disso, a conectividade está se expandindo para áreas rurais, permitindo um acesso mais amplo e inclusivo à informação e comunicação no país. As mudanças nos meios de acesso também refletem a evolução das tecnologias e a crescente importância da comunicação em tempo real por voz e vídeo. Com esses avanços, a sociedade brasileira está cada vez mais inserida na era digital, com impactos significativos na forma como as pessoas interagem, aprendem e se comunicam. No entanto, não podemos ignorar os elementos de contradição desses processos, nem todas as famílias têm acesso a internet, nem todas as pessoas tem acesso a um dispositivo, às vezes a menos dispositivos em uma residência do que pessoas ali vivendo, a qualidade do acesso a da internet às vezes é ruim, etc.

1.2 - Conceituando as TICs

Segundo Thomaz (2017) as tecnologias de informação e comunicação (TICs) são todos os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar a comunicação que vai desde meios físicos, aos analógicos, digitais, hardware de computadores e softwares. As TICs são qualquer forma de transmissão de informação e mediação do processo de comunicação. As tecnologias TICs, são um objeto de reflexão desde o seu surgimento. Elas são tanto meios de produção quanto o produto e o objeto criado. Elas são tecnologias físicas/palpáveis, são telecomunicações e tecnologias digitais.

As TICs não são necessariamente as digitais, mas todo tipo de tecnologia que consegue transmitir dados e informações, computar as informações, armazenar essas informações, e disponibilizar para as pessoas (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, apud THOMAZ, 2017).

O ser humano ao longo da história criou diversas tecnologias e interage através dessa tecnologia. Essas tecnologias afetam as sociedades que as utilizam, e com o desenvolvimento e criação de novas tecnologias, surgem novas formas de interação e as sociedades mudam.

Aqui estão apresentadas as principais TICs, quando surgiram, e estão sequenciadas em períodos históricos.

1º - Escrita (3.500 ac.) , superfícies tablete de argila, papiro, couro de animais, papel

2º - Prensa (1450 dc.) , livros, folhetos, jornais

3º - Fotografias (1826), filmes (1888), rádio (1896)

4º - Televisão (1950 Brasil), fitas VHS (1950), CDs (1953)

5º - Computador pessoal, internet discada, páginas web 1.0, projetores, buscadores

7º - Internet Banda Larga, Redes Sociais, Computação em Nuvem, Big Data, smartphone, tablets, sites de vídeos (ex. YouTube), sites de fotos (ex. Instagram)

Essas TICs organizadas em períodos históricos aproximados segundo a sua criação, nos permite compreender o impacto que elas causaram nas sociedades ao longo do tempo. Cada geração causou um impacto muito grande nas sociedades onde essas tecnologias eram utilizadas.

Para Suanno (2008, apud THOMAZ, 2017) os seres humanos interagem uns com os outros e também com as tecnologias. Por muito tempo com relação ao conhecimento nós apenas interagimos de maneira oral, onde havia uma pessoa com o conhecimento, passando para os outros falando. Com a escrita começamos a interagir com relação ao conhecimento também com os manuscritos, só que a escrita era bem limitada, eram poucas pessoas que sabiam ler e escrever, e apenas essas poucas conseguiram adquirir conhecimento acumulado entre várias gerações. Depois do desenvolvimento da prensa de Gutenberg e a produção massificada de livros e jornais, o ser humano começou a interagir com relação ao conhecimento de maneira diferente, uma vez que muitas pessoas passaram a ter acesso a material de leitura e adquirir o conhecimento acumulado por muitas gerações.

Com o desenvolvimento da tecnologia de computação e internet, e à medida que essas tecnologias se tornam acessíveis, as pessoas começaram a interagir não só no mundo físico mas também no mundo digital, onde existe a possibilidade de comunicação instantânea entre pessoas que estão em partes opostas do planeta, assim como acesso a toda a base literária do planeta que está digitalizada (MARTINEZ, 2004, apud THOMAZ, 2017) .

A utilização de uma determinada tecnologia em qualquer sociedade acaba afetando essa sociedade, e quando os efeitos são muito grandes acabam alterando essa sociedade. Atualmente com as tecnologias de comunicação e informação digitais e individuais podemos dizer que vivemos em uma sociedade que além de se organizar uma estrutura física material, também se organiza uma estrutura em rede em um ambiente digital (TAKAHASHI,2000, apud THOMAZ, 2017).

A popularização dos computadores pessoais e da internet fez com que as pessoas tivessem um acesso muito maior a diversos tipos de informações e como usá-las de maneira online e offline ao fazer guardar essas informações em seus próprios dispositivos.

1.3 - Transcendental Histórico da Sociedade em Rede

Para Neto e Silva (2019), nós vivemos dentro de um transcendental histórico de uma sociedade em rede, e por causa disso a educação não pode funcionar como funcionava antes desse novo contexto. Para compreender melhor essa ideia vamos explorar o que seria esse transcendental histórico de uma sociedade em rede.

O filósofo Kant no livro “Crítica da razão pura” (2015 apud NETO e SILVA, 2019) desenvolve um conceito chamado de domínio transcendental. Ele se refere a um conjunto de ideias inatas em nossa mente que moldam como percebemos e entendemos o mundo ao nosso redor. São como óculos especiais que todos nós usamos desde o nascimento. Esses óculos moldam a maneira como enxergamos tudo ao nosso redor. Essas estruturas mentais inatas são como uma base que nos permite organizar e compreender todas as nossas experiências. Sem elas, o mundo seria apenas um amontoado confuso de sensações. Mas graças ao domínio transcendental, podemos dar sentido ao que acontece ao nosso redor e formar conhecimento sobre a realidade.

O autor Pierre Lévy (2010 apud NETO e SILVA, 2019) adapta esse conceito levando em consideração o contexto histórico. O transcendental histórico, portanto, seria aquilo que estrutura a experiência dos membros de uma determinada coletividade. Para ele, as formas de conhecer, de pensar, de sentir são condicionadas pela época cultura e circunstância.

Os indivíduos, ao longo de toda a história, têm formas de pensar, sentir e interpretar a realidade semelhantes. Eles mudam de momentos históricos, lugares geográficos, culturas diferentes, e tecnologias usadas. Nesse sentido, o atual transcendental histórico seria o de uma sociedade em rede. Para Manoel Castells (1999 apud NETO e SILVA, 2019) nós vivemos em uma sociedade em rede, que permite novas configurações nas questões econômicas, políticas, sociais, educacionais e comunicação.

Em termos simples, a Sociedade em Rede é uma descrição da sociedade contemporânea, caracterizada pela crescente interconexão global de pessoas, organizações e informações por meio das tecnologias de comunicação e da internet. Castells argumenta que essas tecnologias têm um papel fundamental na forma como a sociedade funciona e se organiza.

Em resumo, a Sociedade em Rede é uma sociedade que está profundamente conectada por meio das tecnologias de comunicação e da internet. Essa interconexão tem implicações abrangentes em como nos comunicamos, organizamos, trabalhamos e vivemos em um mundo cada vez mais globalizado e orientado pela informação.

Sendo assim, a sociedade em rede é o transcendental histórico na qual nós estamos inseridos atualmente (NETO e SILVA, 2019). Ela surge a partir dos anos 60 com a tecnologia

da microeletrônica, telecomunicações e informática. Essas tecnologias permitem às pessoas interagirem de maneira diferente. Essa nova forma de se relacionar em redes sociais digitais e não apenas no mundo material, mudou diversas coisas na humanidade, inclusive a própria educação.

Antes da invenção do computador e informática, os seres humanos já se organizavam interagiam através de redes, agora o fazem através de aparelhos tecnológicos de microeletrônica e a internet com a troca de informações rápidas em escala global. Além disso, se antigamente havia um único órgão emissor de informação, atualmente há múltiplas vias de acesso bem como de emissoras de informação.

As tecnologias de informação e comunicação podem ser utilizadas para informar a população em massa, seja com a publicação de grande quantidade de livros, jornais, com rádio, televisão e outras formas de comunicação em massa.

Essas formas de comunicação em massa permitiram o surgimento de grandes empresas de mídia que acabavam dominando o envio de informação por esses canais. Só que a internet permitiu uma forma de comunicação mais pessoal e personalizada onde a pessoa consegue mandar uma informação específica para uma outra pessoa, ou selecionar um público e mandar uma determinada informação específica para esse público, ou disponibilizar diversos tipos de conteúdo diferentes em uma mesma plataforma e milhares de pessoas com divergentes gostos conseguem ter acesso a essa diversidade (THOMAZ, 2017).

Essa personalização dos meios de comunicação permite que usos específicos para uma determinada finalidade. Enquanto as grandes empresas de mídia utilizavam as tecnologias de comunicação em massa produzindo conteúdo querendo abranger uma grande população, a internet permite uma comunicação específica, para públicos alvos delimitados, com finalidades específicas. Sendo assim, é possível criar um ambiente digital voltado para uma finalidade específica, e ter pessoas com acesso a esse ambiente e o material dentro dele. Para esse trabalho se tornou relevante estudar como os meios de comunicação personalizados e individualizados conseguem oferecer conteúdo de qualidade para pessoas que estão buscando ter acesso à educação.

Na sociedade em rede as pessoas têm a possibilidade de ter um computador e internet e nela ter acesso a fotos, vídeos, músicas, livros, conversar com pessoas que estão muito distantes, e fazer outras coisas. Essa estrutura social digital permite às pessoas criarem um produto, o disponibilizar nesse ambiente digital, e posteriormente acessar esse produto, e fazer inúmeras outras pessoas também poderem acessar esse produto. Sendo assim, se antes da sociedade em

rede uma pessoa quisesse aprender, ela teria que ter acesso a um livro, ou a uma instituição de ensino, hoje a pessoa com computador e internet consegue ter acesso a diversos tipos de materiais que podem ser utilizados no seu processo de ensino-aprendizado.

1.4 - Nova Interação Social

As novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) criam um novo transcendental histórico de sociedade em rede, e as Ciências Sociais buscam compreender as relações nesse novo contexto.

Para Mark Granovetter (1973 apud NETO e SILVA, 2019) as redes sociais são constituídas de laços fortes e fracos. Laços fracos são de mais fácil rompimento e laços fortes são mais difíceis. Esses laços fracos quando se rompem incorrem na perda de uma determinada interação social e para iniciar uma nova interação, o que faz modificar a rede social. A mudança de muitos laços fracos acaba por alterar laços fortes. Ou seja, a pessoa pode ter uma interação social com um determinado grupo constituindo laços fracos e fortes, mas com o passar do tempo ela vai desfazendo os laços fracos e constituindo novos laços fracos com outro grupo social, posteriormente ela desfaz os laços fortes com esse primeiro grupo e cria laços fortes com esse segundo grupo.

No nosso mundo físico material as pessoas têm interações sociais com laços fortes e fracos, e nessas redes sociais elas têm seu comportamento induzido pelos fatos sociais ali existentes. As redes sociais digitais como Instagram, Facebook, YouTube, Twitter, permitem que pessoas estabeleçam conexões com pessoas que estão em outros espaços físicos, culturais, políticos, sociais e contextos diferentes. Isso faz com que as pessoas criem laços fracos com pessoas que estão em contextos sociais muito diferentes das quais elas se encontram.

Se a pessoa acaba tendo um vínculo social muito grande dentro dessas redes sociais digitais, ela pode acabar desfazendo alguns laços fracos das redes sociais que ela tem no mundo físico material, e construindo laços fracos dentro das redes sociais digitais. Com o passar do tempo ela pode desfazer os laços fortes das suas redes sociais do mundo físico material, e

criando laços fortes dentro das redes sociais digitais. Essa interação possibilita que a pessoa altere o seu comportamento e as relações que estabelecem no seu local, visto que agora ela não está apenas sendo influenciada pelos fatos sociais das redes sociais do mundo físico material, mas também pelos fatos sociais que existem nas redes sociais digitais.

Segundo Lévy (2010 apud NETO e SILVA, 2019) uma característica do ambiente digital é o hipertexto. No ambiente digital existem sites, páginas com palavras e textos escritos, imagens, gráficos, sons, documentos, vídeos, diversos tipos de conteúdos. Esses itens informacionais estão ligados uns aos outros formando nós de uma rede (links). Essa estrutura de conexão entre se diversos conteúdos de informação é o hipertexto. Uma página pode colocar um link de outra página ou de um vídeo ou de uma imagem; uma imagem pode colocar links de páginas de texto; um vídeo pode colocar links de páginas de texto ; etc.

Na sociedade em rede a informação é comunicada através de hipertextos, não existe uma linearidade. A informação é transmitida através de plataformas diferentes, e a pessoa navega por esses nós.

Nessas condições uma pessoa pode pegar um celular acessar uma página na internet que vai levar a outra página da internet que vai levar a um vídeo que vai levar a uma outra página que vai levar outra imagem e por assim vai. E em cada um desses ambientes digitais ela se depara com o fato sociais diferentes que podem influenciar o seu comportamento e ela pode criar laços fracos e possivelmente laços fortes nessa estrutura de hipertexto.

Capítulo 2 - As TICs na Educação

As tecnologias de informação e comunicação causaram uma revolução na humanidade, criaram novos espaços de comunicação e interação social contribuindo para novas formas de aprender e ensinar, e influenciaram mudanças educacionais, econômicas, sociais e culturais, pois permitem a socialização do conhecimento.

A popularização dos computadores pessoais, tablets e smartphones e o acesso generalizado à internet banda larga, permitiu que quase todas as pessoas tivessem acesso às tecnologias de informação, comunicação e integrassem uma sociedade em rede. Isso pode ser utilizado pelo sistema educacional para educar as pessoas.

Os estudantes da educação básica - principalmente os adolescentes - utilizam das tecnologias de smartphones, tablets, computadores, internet, redes sociais, aplicativos, etc. Eles utilizam isso fora da escola no seu dia a dia, mas também dentro da escola, inclusive dentro da sala de aula. Por um lado, quando o aluno os utiliza dentro da sala de aula e perde a atenção da

aula focando no entretenimento, pode ser algo que prejudica o ensino. Por outro lado, se o professor utilizar desses recursos pode ser algo que ajude muito o ensino.

A implementação de novas tecnologias no ensino básico geralmente segue uma sequência. Lançada uma nova tecnologia e são publicados alguns artigos falando das possíveis utilizações dessa nova tecnologia. Posteriormente alguns professores começam a tentar implementar essa tecnologia, entretanto enfrenta algumas dificuldades pois não sabem o que estão fazendo. A partir daí são publicados novos estudos falando das dificuldades e limitações da escola e dos professores e alguns problemas como burocracia, problemas financeiros e falta de recursos da escola que dificultam a utilização dessa tecnologia. Posteriormente as instituições que tentaram implementar essa tecnologia se adaptam e consegue fazer o uso de maneira razoável. Elas ficam utilizando essa tecnologia até aparecer uma nova tecnologia, e o processo se reinicia.

O Schramm (2005 apud Thomaz, 2017) organizou os recursos tecnológicos seguindo uma ordem de gerações:

1. A primeira geração de recursos tecnológicos engloba: cartazes, mapas gráficos, materiais escritos, exposições modelos, quadro negro, etc.
2. A segunda geração seria: os manuais, livros, textos, livros didáticos, livros de exercícios, testes impressos, etc
3. A terceira geração seria: fotografias, filmes mudos e sonoros ,utilização de alguns dispositivos como discos, rádios, televisão, CD, DVD.
4. A quarta geração seria: o emprego da sala de computadores, a instrução programada, e o laboratório de línguas.
5. A quinta geração seria: a internet e o projetor multimídia.
6. E sexta geração seria: smartphones e toda a tecnologia que adiciona um elemento de portabilidade que a geração anterior não tinha.

Quando uma determinada tecnologia é utilizada para se fazer as mesmas coisas que eram feitas antes onde as pessoas não utilizam as possibilidades exclusivas que aquela tecnologia oferece, isso é uma inovação conservadora. A utilização do smartphone tablet para se ler o pdf do livro didático é um exemplo a mesma coisa poderia ser feita sem essa tecnologia utilizando o livro físico

Uma inovação conservadora pode apresentar uma série de dificuldades e fazer as pessoas abandonarem ela e voltar ao método tradicional. Por exemplo, disponibilizar tablet a todos os alunos e já requerer que eles tivessem acesso a várias tomadas e poder recarregar o aparelho, o que pode ser um problema para a escola. Tendo esse problema de não conseguir carregar os aparelhos, pode ser que o professor faça os alunos voltarem a usar o livro didático.

Uma inovação disruptiva seria aquela onde uma determinada atividade só pode ser realizada em função da existência daquela tecnologia. Sem aquela tecnologia não daria para fazer aquela atividade didática.

Um exemplo de inovação executiva seria o aplicativo HandTalk que tem um intérprete 3D que consegue traduzir para as libras sites textos áudios auxiliando na educação e no aprendizado de pessoas com deficiência auditivas.

Outro exemplo seria a utilização do projetor para apresentar as obras da capela Sistina. Enquanto o professor simplesmente as apresenta na parede isso se torna inovação conservadora, mas quando ele apresenta elas no teto reproduzindo o teto da Capela assistindo no teste da sala de aula os alunos podem ter uma experiência muito semelhante com as que teriam no local.

2.1 - Educação no atual Transcendental Histórico

No nosso transcendental histórico atual de uma sociedade em rede, o ensino escolar acabou sendo modificado. Segundo uma entrevista que Neto e Silva (2019) fizeram com professores, o conteúdo passado no quadro se torna desnecessário uma vez que na internet os alunos podem obter as informações passadas pelo professor. Para os alunos entrevistados pelos autores as aulas expositivas são desinteressantes, principalmente em comparação a videoaulas. A rotina de estudos diário é substituída por estudos à noite anterior à prova utilizando de conteúdo da internet. E o estudo por parte dos alunos se resume a ver alguns vídeos na internet.

O aluno tem a possibilidade de acessar o conteúdo na internet, assistindo várias videoaulas diferentes, feitas por professores de diversos lugares diferentes, acessam a vários sites e páginas educativas que explicam o conteúdo, e tem acesso a fotos, imagens, ilustrações, mapas mentais. Todas essas vantagens fazem com que uma aula expositiva possa ser substituída. Nessas condições muitos alunos se sentem desmotivados e desinteressados por uma aula expositiva em sala, pois poderiam estar assistindo um vídeo que explica o assunto melhor que o professor.

Outra mudança na educação nesse novo transcendental histórico (Neto; Silva, 2019), foi que a rotina de estudos contínua, que era algo comum antes desse atual transcendental, se

transformou em buscar o conteúdo na internet pontualmente de acordo com a necessidade. E também em muitos casos, todo o estudo que o aluno teria de fazer para uma prova, atualmente se resume a assistir algumas videoaulas na internet ou buscar a informação em alguns sites no dia anterior da prova.

Nesse sentido, podemos supor que estamos diante de um novo paradigma educacional, que os sistemas de educação não podem mais ignorar, e seguir priorizando apenas a transmissão tradicional de aprendizado. Faz-se urgente o desenvolvimento de ferramentas educacionais ancoradas nas novas tecnologias digitais que já fazem parte do cotidiano dos jovens estudantes.

As tecnologias de informação e comunicação junto às metodologias digitais de ensino podem fazer uma mudança positiva no ensino de Sociologia escolar, e uma nova maneira de apresentar os conceitos, temas e teorias.

Todas as teorias, metodologias, os recursos, e o papel organizacional do ensino se dá com base nas condições daquele transcendental histórico (Neto; Silva, 2019). Até pouco tempo atrás o ensino se dava em um local físico que era construído para isso, como as escolas e as universidades, com salas de aulas específicas para o ensino de uma atividade, e com grupos de alunos dividido em turmas. Sobre essas condições materiais se organizava todo o sistema de ensino.

Atualmente além dessas condições materiais que já estão construídas, também tem todo um ambiente digital e condições digitais. Existe a internet como um local para poder se disponibilizar livros, videoaulas, todos os recursos didáticos de maneira digital, e o aluno pode acessar de onde ele estiver. Tal estrutura permite que o sistema de ensino possa ser organizado de uma maneira diferenciada, mas ele exige novas teorias metodologias e práticas de ensino.

Os diversos recursos que podem ser utilizados através das tecnologias de comunicação e informação permitem várias abordagens de ensino. O professor pode dar uma aula tradicional em sala de aula, e utilizar do YouTube como uma plataforma de apoio às aulas, disponibilizando vídeos para que os alunos assistam. Também é possível fazer um ensino híbrido, onde os alunos têm parte da aula presencialmente na escola e parte em casa e consegue acessar através dessas tecnologias. Também existe a possibilidade do aluno ser o gestor do seu próprio processo de aprendizado.

Nossa sociedade está criando uma nova forma de interação social através dessas tecnologias digitais, criando assim um novo paradigma educacional dentro desse nosso transcendental histórico da sociedade em rede (Neto; Silva, 2019). E as escolas e os professores que insistem em permanecer no antigo paradigma educacional, apenas ofertando o ensino

exclusivo da escola física, podem ter grandes problemas, pois para os alunos essa maneira de ensinar ficará obsoleta perante as maneiras digitais.

Os professores que decidirem adentrar nesse novo paradigma educacional, com um embasamento teórico-metodológico e utilizarem desses novos recursos digitais, vão poder usufruir de novas oportunidades de ensino e aprendizado, visando solucionar problemas que essas tecnologias estariam causando para o paradigma anterior, como por exemplo, os alunos ficarem usando o celular dentro da sala de aula de modo recreativo, se transformar em os alunos usarem os celulares para estudar.

Essas tecnologias de informação e comunicação por si só não melhoram e revolucionam o processo de ensino e aprendizado, mas dependendo da forma como são utilizadas podem sim causar um processo de ensino aprendizado muito mais significativo ao aluno.

Se os alunos de uma sala de aula tiverem celular e acesso à internet o professor pode: 1º criar um grupo no WhatsApp da sala e disponibilizar textos, imagens, links de sites, videoaulas do YouTube, e todo tipo de conteúdo para que os alunos acessem para a próxima aula; 2º criar uma sala de aula digital, como no Google classroom ou Moodle, onde ele disponibilizará todas as aulas, e cada aula terá o conteúdo sendo os textos em PDF, links de sites, áudios, vídeos, questionários que podem ser utilizados para avaliação; 3º professor pode utilizar de sites que já disponibilizam o conteúdo online sistematizado e de acordo com a bncc, contendo as atividades, videoaulas e todo tipo de material escolar; 4º disponibilizar aos alunos vídeos explicativos feitos por outras pessoas, com uma linguagem mais acessível e outros métodos de explicação mais familiares aos alunos.

Com a utilização dessas tecnologias de informação e comunicação o aluno tem acesso a diversos dados na internet. Cabe ao professor fazer a seleção, a interpretação, e a mediação para o aluno. Da mesma forma, em um contexto fora da escola, quando o aluno não tem essa seleção prévia, ele tem que aprender a lidar com esse novo contexto educativo, caso contrário ele vai ficar perdido no meio de tanta informação.

2.2 - Limites ao uso das TICs na Educação Básica

Um dos principais limites ao uso das TICs na educação básica é o fato de que nem todos os alunos têm algum tipo de dispositivo que acessa a internet, ou o acesso à internet em si. O que mostra a exclusão digital é uma realidade concreta.

Como debatido na primeira seção, 90% dos domicílios têm acesso à internet, o que significa que 10% ainda não o têm. Das pessoas com mais de 10 anos 84,7% têm acesso à internet, o que mostra que 15,3% ainda não tem. E, enquanto a classe A apresentou 98% de

acesso à internet, a classe D/E apresenta 66%, o que mostra que a desigualdade também afeta o acesso à internet, fazendo 34% das pessoas da classe D/E serem excluídas.

Muitos alunos conseguem acessar a internet em casa pois utilizam algum dispositivo familiar. Nesse caso o pai ou a mãe tem um smartphone ou um tablet e permite o filho usar de vez em quando. Só que esses alunos estariam impossibilitados de usar esses dispositivos na escola.

Em outros casos os alunos têm o seu próprio dispositivo e pode levá-lo para a escola, porém não tem internet de dados móveis, apenas tendo uma internet na sua própria casa o que exigiria uma internet na escola para eles acessarem.

O fato de ainda existir um percentual de residências sem acesso à internet e que pessoas com menor renda também não conseguem ter um smartphone e internet mostra a existência da exclusão digital na nossa sociedade, que está intensamente ligada com a desigualdade social e econômica. Ainda seria necessário ações para que todas as pessoas do Brasil tivessem algum dispositivo e acesso à internet para que assim houvesse uma inclusão digital de toda a população. E no caso dos alunos também seria necessário que se estivessem um dispositivo e acesso à internet para que possam usufruir da educação digital nesse novo transcendental histórico de sociedade em rede (NETO; SILVA, 2019).

Outro limite para implementação das TICs no ensino escolar é a infraestrutura da escola. Se todos os estudantes tivessem um dispositivo, a escola precisaria de uma rede elétrica com tomadas nas salas suficiente para carregar todos esses dispositivos. A escola também precisaria de uma rede lógica para conectar esses dispositivos ou wi-fi capaz de conectar todos os alunos daquela instituição, o que iria exigir equipamentos sofisticados.

Muitas escolas também possuem uma sala de computadores que não está adequada para o uso, seja por falta de equipamento, ou seja por equipamentos danificados, e/ou já obsoletos.

Uma estratégia seria pegar esses poucos computadores e disponibilizar tanto na sala dos professores quanto na sala de aula. Esses computadores estando conectados através de uma rede interna da escola, possibilitariam aos professores acesso a pastas de acordo com as suas respectivas salas e dentro dessas, o conteúdo que seria utilizado nas aulas. Com os computadores em sala de aula o professor poderia criar uma intranet e os alunos com seus dispositivos poderiam acessar essa rede e ter acesso às pastas com os conteúdos que o professor disponibilizou. Assim mesmo os alunos não tendo acesso à internet, podem acessar o conteúdo na rede da escola.

Para que o uso das TICs tenha êxito os professores, os gestores e os alunos têm que ter uma certa qualificação. Os gestores precisam conseguir cuidar da infraestrutura digital da escola com os computadores, rede lógica, wi-fi, rede escolar (intranet), e manter todos esses equipamentos funcionando, o que pode exigir até mesmo a contratação de serviços de técnicos em informática. O professor precisa de formação continuada qualificada para conseguir criar uma estrutura de ensino digital, seja utilizando o Google classroom, o moodle, ou outros ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), locais no qual ele poderia disponibilizar o conteúdo das aulas. E os alunos precisam ter uma qualificação para conseguir acessar o conteúdo que o professor disponibiliza digitalmente. No contexto escolar o professor tendo a formação adequada poderia instruir os alunos a como utilizar o conteúdo digital tanto dentro da sala quanto fora da sala.

Para o professor, a utilização das TICs dentro de um contexto educacional escolar exige planejamento, organização e preparação de ensino para utilização dessas tecnologias. Além disso, exige a criação de materiais e recursos didáticos compatíveis a essas tecnologias. Isso exige mudanças nos PPPs e currículos escolares, assim como no planejamento de ensino que vai precisar dessas ferramentas.

Uma vantagem da utilização dessas tecnologias como mediadoras dos processos de ensino na Sociologia escolar, seria o de possibilitar que os alunos tenham acesso a situações e acontecimentos reais através dessas tecnologias mais estando na sala de aula. Ou seja, essas tecnologias de informação e comunicação seriam o meio pelo qual o professor mostra aos alunos coisas que acontecem no mundo real, e isso permite os alunos terem acesso mesmo estando dentro da sala de aula. Entretanto caberia ao professor selecionar essas gravações, e discernir se aquilo que está sendo gravado é real ou fake news, pois a partir do momento que o professor passa o vídeo aos alunos, eles assumiram ser real,.

As TICs podem ser usadas segundo as especificidades de cada aluno. Um exemplo, a tecnologia como WhatsApp pode ser utilizada para que os alunos façam trabalhos ou provas caso tenham uma certa dificuldade de escrita, ou caso tenham alguma deficiência. Eles podem usar o reconhecimento de fala para escrever assim como gravar áudio explicando conteúdo.

Todo esse conteúdo disponibilizado pela internet em diversos sites, blogs, vídeos, etc; não está organizado e sistematizado dentro de uma estrutura apropriada para o ensino escolar. É preciso que o professor selecione, e organize, e contextualize esse conteúdo, posteriormente utilize a tecnologia para que os alunos tenham acesso àquele objeto de estudos (NETO; SILVA, 2019).

Talvez o maior limitador do uso das TICs na educação básica seja a grande quantidade de coisas que o professor tem de fazer. O fato do professor ter um conjunto de atividades de preparação do conteúdo, organização e ensino fora da sala de aula, junto ao fato de que muitos trabalham em duas escolas diferentes, e de que em muitas escolas não se tem os recursos materiais necessários, tudo isso acaba que dificultando a utilização das TICs pelos professores. Porém, quando elas são usadas para solucionar esses problemas, isso pode agir como um incentivador.

Uma forma de solucionar esse problemas seria o professor utilizar das tecnologias para fazer suas atividades profissionais. Ele pode adaptar seu plano de disciplina e seus planos de aulas para um ambiente virtual de aprendizagem como google classroom, onde para cada aula ele disponibiliza uma pasta ou uma sessão com o conteúdo daquela aula; assim os alunos teriam acesso a textos, vídeos, áudios, imagens, etc. No caso das avaliações o professor pode utilizar de programas de questões online, que depois de respondidas o aluno já tem acesso as respostas, como google forms.

Capítulo 3 - Recursos Imagéticos na sala de aula

Ao utilizar as tecnologias de informação e comunicação podemos nos comunicar através de texto escrito, áudio, mas também imagens, fotografias, desenhos, ilustrações, mapas conceituais, gifs, memes, vídeos, filmes, séries, etc. Dentro do contexto educacional, o professor também pode usar desses mesmos recursos para ensinar em sala de aula. O professor também pode fazer videoaulas, e dentro da videoaula utilizar desses recursos de texto, mapas, ilustrações, desenhos, pedaços de filmes, pedaços de séries, modelos 3D, e etc; tudo isso para poder ilustrar um conceito, exemplificar e demonstrar.

Dentro das Ciências Sociais existem a Sociologia e a Antropologia visual, que buscam estudar a nossa realidade social através de métodos que utilizam de imagens, como fotografias e filmagens. O conhecimento que essas disciplinas trazem nos permitem compreender um pouco melhor esses métodos de comunicação utilizando imagens, o que acontece muito quando utilizamos de dispositivos digitais no nosso transcendental histórico de sociedade em rede (NETO; SILVA, 2019), tais como Youtube, Facebook, Instagram, Tiktok, Whatsapp, etc.

3.1 - Antropologia e Sociologia Visual

A Antropologia e a Sociologia Visual se concentram na análise das imagens como veículos para compreender a realidade humana. A observação visual é uma das maneiras pelas quais os seres humanos apreendem e interpretam o mundo ao seu redor, expandindo-se além da capacidade visual humana para incluir dispositivos como câmeras fotográficas e equipamentos de filmagem, os quais geram imagens estáticas e em movimento - fotografias e filmes.

Segundo Koury (1999, apud Moura, 2011) a Sociologia Visual e a Antropologia Visual emergiram como campos de estudo que visam explorar a realidade social por meio do estudo dessas imagens, sejam elas fotografias ou vídeos. Embora seja uma área recente no contexto brasileiro, essas disciplinas já começaram a consolidar um arcabouço teórico. Historicamente, as imagens eram empregadas pelos cientistas sociais como forma de corroborar suas proposições. Por exemplo, pesquisadores realizavam etnografias, documentavam grupos e contextos através de imagens para comprovar sua autenticidade, como uma evidência visual de suas alegações. Contudo, essa prática está sujeita a uma análise mais complexa.

É inegável que, para uma pessoa enxergar o mundo, não é necessário um aprendizado específico. Entretanto, o desenvolvimento de uma perspectiva sociológica requer um processo de aprendizagem, capacitando o indivíduo a interpretar imagens de maneira socialmente informada. As imagens, portanto, são utilizadas como recursos didáticos para ensinar sobre fenômenos sociais, levantando questionamentos sobre a eficácia de compreender a realidade social unicamente por meio delas. (MILLS, 1969 e MIGUEL, 2003 apud MOURA, 2010)

Moura (2010) observa a ausência de uma tradição estabelecida nas Ciências Sociais para refletir sobre o uso de imagens como instrumentos de compreensão da realidade social. Alguns autores (MIRANDA 2001, SILVA, 2009, MIRZOEFF, 2008, apud MOURA, 2010) exploram esse tema, argumentando que uma imagem, como uma fotografia ou um vídeo, não representa diretamente a realidade, mas é, na verdade, uma representação desta.

Não somente os pesquisadores e acadêmicos das disciplinas de Antropologia Visual e Sociologia Visual recorrem a imagens em suas investigações, mas também professores universitários e escolares as utilizam para enriquecer o processo de ensino. Isso conduz a uma reflexão sobre o emprego de imagens, não apenas como ilustrações, mas como documentos que podem transcender a função de mera representação, agregando valor ao entendimento e análise da realidade social.

3.2 - Representação e Representificação

Durante um extenso período, diversos pesquisadores consideraram as técnicas de Fotografia e Filmagem como meios eficazes para registrar a realidade. Nesse contexto, muitas pesquisas, particularmente na área da Sociologia Visual e Antropologia Visual, valeram-se de imagens, seja em forma de fotografias ou vídeos, para corroborar as assertivas presentes nos textos. Acreditava-se, inicialmente, que essas imagens proporcionavam um meio tangível de comprovar a autenticidade de um estudo: demonstrando a presença do pesquisador no local de pesquisa, sua interação com os indivíduos e a materialização dos eventos narrados no texto. No entanto, esse uso primordial das imagens carecia de uma reflexão mais aprofundada acerca de sua função e significado.

Para Bazin (1991, apud MOURA, 2011) no panorama atual da Antropologia Visual e da Sociologia Visual, observa-se uma transformação significativa na abordagem das imagens. Essas disciplinas já não as consideram uma mera exposição da realidade, mas sim uma representação desta. As imagens, sejam elas fotografias ou vídeos, não reproduzem integralmente a realidade; em vez disso, constituem uma ilustração limitada e parcial do todo. Apesar disso, as imagens possuem uma notável capacidade de persuadir a percepção, fazendo com que o observador acredite que o que está sendo apresentado corresponde, efetivamente, à realidade.

Diferente de formas de representação artísticas, como pinturas e desenhos, a fotografia e a filmagem detêm uma qualidade mais objetiva ao capturar a luz e produzir uma imagem que se assemelha de maneira notável à visão humana. Nesse contexto, a fotografia é frequentemente considerada mais objetiva, uma vez que retrata a realidade com maior fidelidade, ao contrário da subjetividade inerente a desenhos ou pinturas. Tal é a razão pela qual a lente da câmera é denominada "objetiva". Essa capacidade de imitar a realidade visual contribui para a ideia equivocada de que a imagem fotográfica reproduz com fidelidade o real (BAZIN, 1991 apud MOURA, 2010).

Quando voltamos nosso olhar para as artes, especialmente quando a intenção é representar a realidade, uma diferença notável emerge entre desenhos/pinturas e fotografias/filmagens. A partir de uma perspectiva realista, a fotografia e a filmagem são consideradas mais objetivas na representação da realidade do que desenhos e pinturas. A câmera, ao capturar a luz emitida pelos objetos, parece eliminar a ação criativa do artista presente em desenhos e pinturas. Dessa forma, a fotografia e a filmagem são frequentemente percebidas como fontes de imagens mais confiáveis e fiéis ao real (BAZIN, 1991 apud MOURA, 2010).

Ferramentas e técnicas específicas, como a "profundidade de campo" na fotografia e o "plano sequência" na filmagem, contribuem para a confusão entre a imagem e a realidade, levando o espectador a questionar a distinção entre ambos. No entanto, é relevante destacar que, mesmo diante dessa confusão, a imagem, seja fotográfica ou em vídeo, não se equipara à realidade (BAZIN, 1991 apud MOURA, 2010).

Ainda que a noção de representação seja central, no contexto das fotografias e vídeos, talvez seja mais apropriado utilizar o termo "representificação" (MENEZEZ, 2003 apud MOURA, 2011). Isso se deve ao fato de que, em muitos casos, as imagens são tão meticulosamente criadas que se assemelham ao real, gerando uma dificuldade perceptual em distinguir entre a realidade e a representação.

Por conseguinte, observa-se que, enquanto uma garrafa real é prontamente reconhecida como tal, uma representação pictórica ou artística dela é identificada como uma interpretação da garrafa. Em contrapartida, uma imagem fotográfica ou em vídeo, especialmente quando altamente realista, pode induzir o espectador a crer que a representação é a realidade em si. Nesse sentido, o termo "representificação" parece mais apropriado para descrever esse fenômeno.

Moura (2011) mostra que imagens, sejam fotográficas ou em vídeo, não devem ser confundidas com a realidade em si, mas sim compreendidas como representações ou representificações da realidade. Nesse âmbito, é crucial reconhecer que a elaboração de imagens, mesmo que pareçam documentar a vida cotidiana, pode ser intencional e orientada para a criação de uma impressão específica, construindo uma narrativa visual que transmite uma mensagem desejada.

A compreensão do conceito de representação e representificação é importante quando se estuda videoaulas, pois ela transita entre esses dois fenômenos. Em uma videoaula o professor pode dar exemplos, ilustrar um conceito utilizando de ilustrações, desenhos, mapas conceituais, modelos 3D, pinturas, quadrinhas, charges, cenas de filmes e séries, etc; a utilização desses recursos dentro da videoaula fica explícito tanto para o professor quanto para o aluno que aquilo é uma representação do que está sendo investigado. Só que as videoaulas também utilizam gravações filmagens e fotografias reais, e junto com a explicação do professor aquilo que aparece na videoaula passa a ideia de que é a realidade; por isso que ao se utilizar desses outros recursos uma videoaula também pode ser vista como uma presentificação da realidade.

3.3 - Produção Audiovisual Documental

No âmbito da análise visual, as imagens podem ser categorizadas de acordo com sua natureza em dois grupos distintos: as documentais e as ficcionais. No primeiro grupo, incluem-se imagens que se originam de contextos reais, como fotografias, vídeos captados em locais autênticos, documentários e reportagens. Por contraste, o segundo grupo é composto por imagens ficcionais, tais como filmes, séries televisivas e novelas (SALLES, 2005 apud MOURA, 2011).

A categoria das imagens documentais frequentemente suscita a crença de que o que está sendo retratado corresponde, de maneira quase inquestionável, à realidade tangível. No entanto, é essencial destacar que as imagens ficcionais também podem desempenhar papéis além do entretenimento, atuando como veículos de crítica, representação ou até mesmo como tentativas de demonstrar eventos históricos sob uma lente imaginária (SALLES, 2005 apud MOURA, 2011).

Essas duas categorias, no entanto, compartilham uma característica fundamental: a sua construção é intrinsecamente moldada pela intencionalidade daqueles que as criam. Ao mergulhar na observação de um vídeo ou fotografia, independentemente de ser documental ou ficcional, é comum que o espectador não se detenha na análise da montagem, edição, posicionamento da câmera, iluminação e, em especial, nas escolhas de inclusão e omissão realizadas na concepção da imagem (SALLES, 2005 apud MOURA, 2011).

A audiência, por vezes, absorve a superficialidade das imagens, aceitando-as como espelhos fiéis da realidade. No entanto, raramente se considera como tais imagens foram meticulosamente planejadas e desenvolvidas. O que muitos não percebem é que essas imagens são resultado de seleções específicas de local, momento e situação, focalizando determinados indivíduos engajados em atividades específicas.

A representação visual, seja ela documental ou ficcional, não equivale à própria realidade. Em vez disso, ela constitui uma representação subjetiva do mundo real, sendo assimilada por meio das escolhas daqueles que a produziram. A imagem, como resultado, é uma construção intencional, em que o criador decide o que exibir, o que ocultar, o ponto no tempo a ser capturado, o local a ser focalizado e os indivíduos a serem incluídos. Este processo é permeado por etapas de planejamento, roteirização, composição visual, montagem e edição, contribuindo para a formulação da narrativa visual. (SALLES, 2005; Meneses, 2005 apud MOURA, 2010).

Cabe ressaltar que a análise da realidade social nunca se dá de forma neutra ou objetiva, uma vez que cada perspectiva é influenciada pelo contexto do observador. Diferentes pesquisadores podem explorar o mesmo objeto de estudo, resultando em múltiplas perspectivas que são moldadas por suas próprias visões, valores e contextos culturais. A visão etnocêntrica, por exemplo, emerge quando uma determinada cultura é priorizada e imposta como hegemônica, em detrimento de outras perspectivas. (WEBER, 1979 apud MOURA, 2011).

Os filmes documentais, em específico, estabelecem uma distinção marcante em relação às produções ficcionais. A crença de que tais filmes oferecem acesso a uma realidade objetiva é fomentada pela percepção de que o documentarista simplesmente registra os acontecimentos, retratando-os de maneira imparcial. Entretanto, é crucial reconhecer que os documentários também operam como formas de narrativa, tecendo histórias por meio do registro de eventos reais. Nesse sentido, a narrativa documental, mesmo ao oferecer um retrato de eventos verídicos, é uma composição complexa que molda os acontecimentos dentro de uma estrutura coesa e bem elaborada.

Em síntese, a classificação das imagens em documentais e ficcionais oferece uma abordagem relevante para a análise visual. Ambas as categorias revelam-se como produtos da intencionalidade humana, moldadas pelo olhar do criador e pela escolha consciente de incluir e omitir elementos. O reconhecimento dessa natureza construída das imagens é essencial para uma compreensão aprofundada de como a representação visual molda nossa percepção do mundo.

Uma videoaula pode ser vista como uma produção audiovisual documental pois o seu criador busca ensinar e explicar algo a partir da realidade objetiva. Para tanto, se faz necessário um planejamento através do qual se determina o que será ou não explicado por meio de um roteiro a ser seguido. A medida que o roteiro é construído, o autor do vídeo irá selecionar o conteúdo que será apresentado, assim como o áudio e as imagens que irá mostrar. Durante o roteiro, o autor decide em qual momento irá falar de um determinado assunto e o que ele irá mostrar no áudio e o que ele irá mostrar na imagem nesse momento. Ele pode fazer uma videoaula apenas com imagens e uma narração de fundo ou pode fazer uma videoaula onde ele simplesmente fica falando como se fosse uma aula expositiva ou pode fazer uma videoaula na qual aparece no canto da tela falando e vão aparecendo imagens ilustrando o que ele fala. Existem variadas formas de apresentar o conteúdo. Mas é sempre bom lembrar que como a videoaula é uma produção audiovisual documental ela é construída a partir da subjetividade do autor e da intencionalidade dele.

Capítulo 4 - Recursos Imagéticos na Educação Básica

Segundo Alves (2001 apud MOURA, 2010) um professor pode se utilizar de recursos imagéticos para fazer os alunos compreenderem a realidade através de imagens. Ele faz uso de fotos, pinturas, desenhos, ilustrações, mapas conceituais, mapas, vídeos, gravações, filmagens para ensinar os alunos. Em muitos casos esses recursos imagéticos são muito claros quando são representações da realidade, entretanto algumas vezes eles são representificações, e o professor tem que saber disso e explicar aos seus alunos. As produções audiovisuais documentais muitas vezes são representificações, e videoaulas também entram nessa categoria. Mas o professor pode usar esses materiais para causar estranhamento e desnaturalização.

4.1 - Ensino utilizando imagens

O uso de recursos visuais, como imagens e vídeos, no contexto educacional tem ganhado destaque como uma estratégia pedagógica eficaz. Professores reconhecem a importância de selecionar cuidadosamente o material visual, garantindo que este esteja alinhado ao conteúdo da aula. O emprego de uma abordagem sequencial, onde o conteúdo teórico é apresentado seguido de uma ilustração audiovisual, demonstra-se eficaz para reforçar conceitos complexos e facilitar a compreensão dos alunos.

Para Angrewski (2015) a utilização de filmes, séries e vídeos online tem se mostrado especialmente eficaz devido à familiaridade dos alunos com esses formatos, que estão intrinsecamente inseridos em seu cotidiano. Além disso, essas mídias possuem a capacidade de atender às necessidades de estudantes com dificuldades de aprendizado, como déficits de leitura e escrita, proporcionando uma abordagem inclusiva e acessível.

Para Moura (2010) a escolha de materiais imagéticos, como fotografias, filmes e documentários, promove um aprendizado mais significativo, permitindo aos alunos uma compreensão mais profunda dos conteúdos apresentados. No entanto, é essencial que os professores possuam embasamento teórico e epistemológico para utilizar esses recursos de maneira apropriada. Isso implica compreender que as imagens não reproduzem necessariamente a realidade, mas sim oferecem representações construídas por seus criadores.

Ainda para Moura (2010, 2011) na área da pedagogia contemporânea, a abordagem do aprendizado significativo ganha destaque, enfatizando a importância de relacionar o conteúdo com a experiência de vida dos alunos. O uso de recursos visuais proporciona uma ponte entre

o conteúdo ensinado e a realidade dos estudantes, especialmente considerando a prevalência das tecnologias de informação e comunicação em seu dia a dia.

Para Moura (2011) diversos tipos de recursos imagéticos podem ser incorporados ao ensino, como filmes de ficção, documentários, quadrinhos, charges, fotografias e pinturas. A seleção desses materiais deve ser criteriosa, visando estabelecer uma conexão clara com o conteúdo curricular. A vinculação entre os filmes e o conteúdo lecionado torna a experiência mais envolvente e autêntica, proporcionando uma representação fidedigna da realidade.

A percepção dos professores sobre a capacidade dos filmes em retratar a realidade reflete-se na frequente utilização desses recursos como instrumentos de fidelidade ao programa curricular. Através das imagens, é possível ilustrar conceitos complexos de forma concisa e precisa, evocando a compreensão realista nos alunos.

Assim, a seleção criteriosa e o uso adequado de recursos visuais no ensino requerem uma base teórica e metodológica sólida. A própria metodologia empregada na apresentação do conteúdo torna-se parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que os diversos recursos visuais não apenas ilustram, mas também constituem o próprio conteúdo a ser assimilado pelos alunos.

A utilização de imagens na educação sociológica transcende a mera ilustração didática, tornando-se um método analítico e objeto de estudo por si só. Ao empregar imagens, o professor de Sociologia escolar não apenas apresenta conceitos, mas promove o desenvolvimento do estranhamento e da desnaturalização nos alunos, conduzindo-os a questionar a realidade retratada nas imagens e a compreender que estas são representações construídas e interpretadas.

A pedagogia utilizada no ensino de Sociologia ao utilizar imagens busca proporcionar aos alunos uma visão crítica da realidade social. No entanto, é importante ressaltar que muitos educadores, inadvertidamente, utilizam imagens como meros materiais de apoio. Para evitar essa armadilha, o professor pode adotar uma abordagem mais profunda, problematizando as imagens para explorar aspectos históricos, geográficos, estratificação social, classes sociais e papéis desempenhados pelos agentes sociais.

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o uso de recursos imagéticos no contexto educacional, visando entender as interações entre imagem e conhecimento social à luz das teorias sociológicas. A intenção é contribuir para uma educação que capacite os alunos a desenvolverem um olhar sociológico e crítico, por meio da análise de referências imagéticas.

Os recursos audiovisuais e visuais, como filmes, vídeos, documentários, pinturas e charges, são empregados de forma a enriquecer a experiência didática. Esses recursos

extrapolam o âmbito das artes, visto que a produção de conteúdo visual e audiovisual é muito importante na sociedade contemporânea, sendo disseminada por meio de dispositivos como smartphones e plataformas digitais. (ALVES, 2001 apud MOURA, 2010)

No cenário atual, imagens digitais, fotografias, vídeos, jogos de computador e publicidade permeiam a sociedade, com especial destaque para os ambientes online, como redes sociais e plataformas de compartilhamento de vídeos. É nesse contexto que os educadores se deparam com a oportunidade de explorar a análise sociológica dessas imagens, ultrapassando a simples utilização como prova ou ilustração (FREHSE, 2005 apud MOURA, 2010)

As imagens, quando empregadas como objetos de estudo sociológico, permitem que o professor aplique conceitos e teorias sociológicas na análise. Ao apresentar uma imagem aos alunos, o educador pode utilizar as lentes da Sociologia escolar, Antropologia da imagem e Sociologia da imagem para aprofundar a compreensão dos elementos presentes na imagem, estimulando uma análise mais aprofundada e crítica (MENESES, 2005 apud MOURA, 2010).

Em síntese, o uso de imagens na educação sociológica transcende a função de mera ilustração, tornando-se uma abordagem epistemológica e metodológica para desenvolver a capacidade dos estudantes de adotarem uma perspectiva sociológica ao analisar e interpretar a complexidade da vida social retratada nas imagens.

4.2 - Estranhar e Desnaturalizar com imagens

Para Moura (2010) o objetivo central do ensino de Sociologia escolar é instigar o estranhamento, o que se traduz na recusa em aceitar as explicações convencionais dos fenômenos sociais que são considerados familiares. Por meio da Sociologia escolar, busca-se provocar um distanciamento dos fenômenos sociais cotidianos, levando o aluno a questionar as visões arraigadas no senso comum. Essa abordagem visa a desafiar perspectivas etnocêntricas, preconceituosas e discriminatórias, as quais frequentemente são forjadas a partir de percepções superficiais da realidade social.

Ainda em Moura (2010) a desnaturalização, por sua vez, consiste na desconstrução da crença de que os fenômenos sociais são inerentemente naturais e desvinculados de causas sociais. Ao compreender que os eventos presentes são moldados por condições históricas, geográficas, econômicas e políticas que remontam ao passado, o aluno adquire uma compreensão mais profunda das influências que permeiam suas escolhas e circunstâncias pessoais.

O processo de desenvolvimento do estranhamento e da desnaturalização pode ser equiparado a um despertar para o fato de que as ações individuais são inseparáveis das condições sociais que as moldam. À medida que o aluno reconhece o papel dessas condições, ele transita de uma perspectiva passiva para uma ativa, percebendo como o mundo e as imagens que o cercam influenciam e são influenciados por ele.

O advento da era digital trouxe consigo uma profusão de imagens que permeiam tanto o mundo material quanto o virtual, tornando-as ubíquas na vida dos alunos. Para Miguel (2003 apud MOURA, 2010) desenvolver um olhar sociológico para essas imagens implica desatualizar e estranhar esses elementos visuais, permitindo que se tornem objetos de análise à luz dos princípios das Ciências Sociais.

Segundo Moura (2010) a abordagem do olhar sociológico não apenas capacita o aluno a observar a realidade com discernimento, mas também a decodificar os fenômenos sociais retratados nas imagens do cotidiano. Esse desenvolvimento, por sua vez, atua como uma ferramenta de conscientização, conferindo-lhe a capacidade de identificar e interpretar os padrões sociais subjacentes às imagens que encontra.

Diante dessa perspectiva, o papel da Sociologia escolar é claramente delineado. Ela busca não somente fornecer conhecimento sobre os conceitos e teorias sociológicas, mas também cultivar uma postura crítica e reflexiva nos alunos. Ao questionar os propósitos e finalidades da Sociologia escolar, a documentação que orienta o ensino básico reafirma a importância de causar estranhamento e desnaturalização, além de estimular a formação de um pensamento crítico capaz de decifrar os meandros da vida social.

Capítulo 5 - Videoaula no ensino básico com YouTube

Conforme visto no capítulo anterior, é possível ensinar utilizando de imagens, sejam elas estáticas como fotografias, sejam em movimento como filmes. Essas imagens podem ilustrar e explicar de maneira visual o conhecimento que o professor quer transmitir, podem ser usadas como método de análise, e objeto de estudos por si só. E também podem ser usadas para causar um estranhamento e desnaturalização dos alunos.

A seguir, apresentaremos uma reflexão sobre as videoaulas, e como utilizar esses recursos imagéticos na educação. O debate prévio sobre TICs e imagens se fez relevante, pois a partir de agora iremos dialogar sobre as videoaulas, que são justamente recursos imagéticos utilizados dentro desse contexto de tecnologia de informação e comunicação para ensino. E será

baseado nos autores Da Silva e Lopes (2021), Aranha (2019), Nagumo, Teles e De Almeida Silva (2020), Junges e Gatti (2019).

5.1 - Uso de Videoaulas

Para Da Silva e Lopes (2021) a integração de vídeos como metodologia de ensino não é uma novidade, tendo sido praticada desde os primórdios do cinema e da televisão. O YouTube, por sua vez, oferece uma vantagem substancial ao disponibilizar uma ampla variedade de vídeos abordando diversos assuntos, explorando distintas abordagens linguísticas e perspectivas, tanto por profissionais especializados quanto por leigos. Nesse contexto, o uso do vídeo não deve ser considerado um método de ensino autônomo, mas sim um elemento integrado a um plano de disciplina e aula, complementando a abordagem.

A adoção de videoaulas ganha relevância no panorama educacional atual, fortemente influenciado pela tecnologia. As videoaulas podem ser acessadas online, permitindo que os alunos as assistam conforme sua conveniência. Essa flexibilidade possibilita pausas, revisões e repetições, atendendo às necessidades individuais de compreensão. Um cenário notável é a disponibilidade crescente de videoaulas gratuitas no YouTube, que oferecem diversidade de abordagens, permitindo que um mesmo conceito seja apresentado por diversos educadores, adequando-se a diferentes estilos de aprendizado.

Nesse contexto, o professor pode se valer de videoaulas produzidas por outros educadores que compartilhem uma abordagem pedagógica semelhante à sua, visando minimizar a estranheza para os alunos. Contudo, também pode selecionar videoaulas que adotem metodologias distintas, servindo como um recurso adicional para estudantes que enfrentam dificuldades na compreensão do conteúdo em sala de aula. É possível, inclusive, que o professor ministre aulas presenciais e indique videoaulas complementares como tarefa extraclasse.

A seleção criteriosa de um conjunto de videoaulas de diferentes fontes pode ser uma prática instrutiva. Além disso, o docente pode produzir seu próprio material audiovisual, reforçando sua familiaridade com o conteúdo e sua habilidade de comunicação clara e objetiva. A enriquecedora inclusão de elementos visuais, como imagens e vídeos, bem como recursos sonoros, amplia a experiência educacional. A produção de videoaulas pode variar de gravações simples realizadas via celular ou webcam a produções mais elaboradas, que exigem a montagem de um estúdio e edição em software especializado.

Em consonância com as ideias apresentadas, o artigo de Aranha (2019), analisa a aplicação de vídeos do YouTube no contexto educacional, apresentando canais relevantes e exemplificando o uso variado desses recursos.

Todavia, vale ressaltar que, em um ambiente onde qualquer indivíduo munido de um smartphone pode produzir e compartilhar conteúdo, nem todo material presente nas redes sociais está em conformidade com o rigor acadêmico. Assim, orientar os alunos a buscar vídeos por conta própria pode não ser a abordagem mais eficaz. A indicação prévia de vídeos alinhados com o conhecimento acadêmico, que complementem o que é ensinado em sala de aula, emerge como uma alternativa mais sensata. A preocupação com a precisão conceitual e a adequação linguística, visual e auditiva dos vídeos deve ser constante, de modo a garantir a qualidade da experiência de aprendizado.

5.2 - Usando o YouTube

Segundo Nagumo, Teles e De Almeida Silva (2020) no contexto inicial da implementação da internet no Brasil, durante os anos 90, quando a velocidade de download era limitada devido à internet discada, a principal utilização da web era voltada para o acesso a conteúdo em formato de texto. Hoje, com a expansão da conectividade e a evolução da internet, ela desempenha uma variedade de funções, especialmente por meio de vídeos que são gravados e disponibilizados em plataformas online, como o YouTube, incluindo também transmissões ao vivo.

Atualmente, o acesso à internet está mais acessível por meio de diversos dispositivos, como computadores, smartphones, celulares e notebooks, sendo o YouTube uma plataforma amplamente difundida. Esse site se tornou uma plataforma central para a publicação de vídeos online, sendo parte integrante dos hábitos digitais de uma parcela significativa da população brasileira.

Nós vivemos em uma sociedade onde as pessoas passam parte da sua vida vivendo em um ambiente digital através da utilização de computadores, notebooks, smartphones, tablet, acessam a internet, e tem acesso às redes sociais como Facebook, Instagram, Tik Tok, YouTube, e outros sites com uma gigantesca diversidade de conteúdos disponibilizados digitalmente

Segundo o Google (2017, apud JUNGES; GATTI, 2019), o YouTube é a maior plataforma de compartilhamento de vídeos na internet e é frequentemente empregado como uma ferramenta de conhecimento. Muitos criadores independentes publicam vídeos no

YouTube com o objetivo de obter remuneração por meio de anúncios, sendo que muitos desses conteúdos estão relacionados ao âmbito escolar, universitário, concursos e conhecimentos gerais embasados em fundamentos científicos.

O YouTube também oferece sugestões de vídeos relacionados ao conteúdo que o aluno está assistindo, o que pode ser benéfico para complementar o aprendizado, seja fornecendo diferentes perspectivas sobre o mesmo tema ou abordando o assunto de forma distinta.

Para Aranha (2019) estamos em um mundo digital que usa de recursos visuais para disseminar a informação nas formas de texto escrito, blog, fórum, vídeo, imagens, etc. E dentro da plataforma YouTube são encontrados canais de videoaula, experimentos, canais de ciência, e de professores com produção de alunos. Esses vídeos podem ser utilizados como conteúdo ilustração sensibilização avaliação simulação e produção

O YouTube, inicialmente surgindo como um mero repositório de vídeos para entretenimento, hoje desempenha um papel essencial no campo da educação e aprendizado. Ele abrange uma ampla gama de cursos em formato de vídeo e conteúdos sobre diversos assuntos. Essa utilização ganhou tanta relevância que o próprio YouTube desenvolveu uma seção denominada "YouTube Educação", onde são disponibilizados conteúdos educativos, muitos deles voltados para o ensino básico, além de inúmeros profissionais formados produzindo materiais relacionados às suas áreas de conhecimento de nível superior (BURGESS; GREEN, 2009 apud JUNGES e GATTI, 2019).

Segundo Junges e Gatti (2019) e Nagumo, Teles e De Almeida Silva (2020), os alunos de escolas e universitários valorizam o YouTube como recurso educacional, com a maioria deles usando a plataforma regularmente para aprender. Alunos de escolas apreciam a facilidade de acesso e preferem vídeos para complementar o ensino tradicional, enquanto universitários destacam a flexibilidade de pausar e repetir conteúdos e sua utilidade para aprimorar habilidades específicas. Ambos os grupos reconhecem o impacto positivo do YouTube em seu desempenho acadêmico, sugerindo que a plataforma desempenha um papel relevante na educação em diferentes níveis de ensino.

Canais como "Biologia Total", "Nostalgia", "Aula de", "Descomplica", "Você Sabia", "Ferretto Matemática", "Professor Ricardo Anes", "Geografia Irada" e "Me Salva" são alguns dos mais acessados pelos alunos, sendo reconhecidos por sua popularidade e relevância educacional.

A interação social que as pessoas têm dentro de um contexto de ensino, não se restringe apenas ao ambiente escolar tradicional, pois o mundo digital também é um espaço de interação.

No YouTube, as pessoas compartilham vídeos sobre suas vidas, ministram aulas, promovem debates e realizam reportagens abordando variados temas. Os alunos interagem tanto no ambiente escolar físico quanto no ambiente digital, através de diversas redes sociais, incluindo o próprio YouTube. Os conteúdos audiovisuais dessa plataforma podem ser incorporados como ferramentas de interação no contexto escolar, tanto dentro da sala de aula quanto fora dela, quando os alunos estão estudando em casa.

Muitas dessas pessoas estão perfeitamente acostumadas, familiarizadas, e preferem utilizar esses conteúdos digitais do que um conteúdo educacional tradicional dado em uma sala de aula. Os autores Nagumo, Teles e De Almeida Silva (2020) perguntaram para muitos jovens se eles preferem assistir uma aula normal e expositiva dentro de uma sala, ou assistir uma videoaula no YouTube que explica o mesmo conteúdo, eles não só preferem a videoaula como eles parece que se dão melhor com ela

Isso acontece porque os alunos estão tão familiarizados com a internet e YouTube, assistem tantos vídeos no seu dia a dia, que sabem interagir melhor através dessa metodologia, até porque o ensino escolar em muitos casos prepara os alunos para ficar resolvendo questões de provas.

Para os autores Da Silva e Lopes (2021) a escola como existe hoje foi projetada e construída em um contexto histórico na qual não se tinha os computadores a internet e todo o acesso à informação como se tem hoje. Nessa época então a escola exerceu muito bem a sua função como sendo o local onde a pessoa iria para poder adquirir o conhecimento construído pela humanidade, sistematizado pelo sistema educacional, e mediado pelos professores. Nessa época a pessoa que estivesse fora da escola certamente não teria acesso a esses conhecimentos.

Atualmente com os equipamentos eletrônicos: desktop, notebook, tablet, smartphone, servidores e com a internet os conectando; as pessoas conseguem ter acesso à: páginas da Internet dos mais diversos tipos, a imagens, fotos, ilustrações, músicas, áudios, vídeos, Filmes, séries, livros, revistas, e todo tipo de produção cultural humana. Uma pessoa com celular por exemplo consegue ter acesso na Internet é tudo que é ensinado na escola e muito mais.

Devido a essa mudança tecnológica e social, a escola não existe mais como sendo o único local onde as crianças e adolescentes têm acesso a uma educação formal. Agora elas também têm acesso a conteúdo educacional na internet em diversos sites, na forma de texto escrito, imagens, vídeos, videoaulas, etc. E além disso, os alunos também têm acesso a

informações e conteúdos que ensinam coisas diferentes da ensinadas nas escolas, e às vezes que vão contra o conhecimento escolar.

Nesse novo contexto a escola e a sala de aula ao ser utilizada da mesma forma que era usada antes da internet, passa a sensação que está obsoleta, os alunos ficam frustrados e entediados, e os professores sentem como se seu trabalho não estivesse dando resultado.

Para mudar essa realidade seria interessante utilizar a escola e a sala de aula de uma maneira mais adaptada para os tempos atuais, onde existem os computadores e a internet, e todo o conteúdo de conhecimento socialmente construído no mundo digital.

Uma videoaula permite uma conversa em hipertexto pois em uma página que disponibiliza o vídeo também é possível disponibilizar links outros vídeos textos e imagens e sons além da utilização desses recursos no próprio vídeo (LÉVY, 2010 apud NETO e SILVA, 2019).

A utilização de videoaulas no processo de ensino aprendizagem no transcendental histórico da sociedade em rede, é uma forma de ressignificar o processo de ensino-aprendizado, fazendo com que ele fique mais adequado para esse nosso transcendental histórico.

A videoaula utiliza de recursos que geralmente são deixados de fora de uma sala de aula tradicional, como por exemplo: organização da Câmara, dos materiais utilizados, desenhos, ilustrações, fotos, imagens, e outros vídeos, software de edição, e publicação nas redes sociais como YouTube, Instagram e Facebook. Esse conjunto de recursos exige do professor uma qualificação e uma competência específica, entretanto o resultado do aprendizado geralmente é elogiado é excelente adequado para o nosso transitar histórico.

Historicamente falando, a escola tem uma certa dificuldade em se adaptar às mudanças sociais e tecnológicas e já aplicá-las imediatamente enquanto ocorre no processo de ensino-aprendizado. Paralelo a essa dificuldade na escola também existe a questão das Diferenças de gerações onde um grupo de uma geração que a dos Professores tentam interagir e instruir um outro grupo de uma outra geração que são dos alunos sendo que cada geração passou por um processo de socialização diferente.

Considerando que cada indivíduo tem uma concepção de mundo particular, e uma forma de adquirir conhecimento personalizada, o professor tem um grande desafio uma vez que não é possível criar um plano de aula para cada estudante, pois a sala de aula tem em média 40 alunos e o professor é responsável por várias salas. Se cada aluno tem um jeito particular de aprender e não existe uma metodologia que vai ensinar a todos, então seria interessante o professor ao longo do processo de aprendizado se utilizar de diversas metodologias diferentes

onde cada aluno vai se identificar com uma delas e a partir dela vai conseguir aprender com mais efetividade.

5.3 - Ensinando com Youtube

Nos dias atuais, a utilização de computadores, internet e ambientes digitais para fins educacionais se tornou algo comum, especialmente nos cursos de Educação a Distância (EAD). Muitos trabalhos já abordam esse tema, porém, a questão reside em compreender como esse ambiente digital é utilizado por estudantes no contexto escolar tradicional.

As tecnologias de informação e comunicação têm, de fato, impactado a educação escolar, tanto por meio das escolas que incorporam esses recursos, quanto pelas escolas que ainda não o fazem, mas cujos alunos utilizam essas tecnologias fora do ambiente escolar. Para os alunos e para a sociedade em geral, a escola já não é mais o único e principal local onde adquirem conhecimento socialmente construído; hoje, também existe um vasto ambiente digital com diversos sites e plataformas, entre elas o YouTube, que disponibilizam conteúdo educacional.

Analisado o trabalho de Junges e Gatti (2019) e Nagumo, Teles e De Almeida Silva (2020) é possível identificar a utilização do YouTube como ferramenta de aprendizado, investigando a motivação e finalidade do uso, os principais canais acessados, a frequência de uso da plataforma, hábitos relacionados à sua utilização, impactos no contexto escolar e o desenvolvimento de habilidades e competências associadas à plataforma.

Quando os alunos utilizam o YouTube como parte de seu processo de ensino-aprendizagem, seja assistindo a vídeos ou até mesmo criando conteúdo próprio, eles desenvolvem um pensamento e comportamento mais autônomos. Ao procurar o conhecimento por conta própria, adotam uma abordagem criativa e selecionam materiais que se adequam à sua forma de aprendizado, uma vez que a plataforma oferece uma ampla variedade de vídeos com diferentes tipos de explicações.

Uma das principais vantagens do uso de vídeos do YouTube no processo de aprendizado escolar é a linguagem adotada pelos produtores desses vídeos. Muitos desses produtores são jovens que compartilham uma linguagem similar à do público-alvo, o que facilita a compreensão. Outros produtores são profissionais experientes que conseguem adaptar sua linguagem para tornar o conteúdo mais acessível aos alunos. Esses materiais são amplamente assistidos e ganham relevância dentro da plataforma.

Professores também observam que a utilização de vídeos do YouTube funciona como um apoio ou ilustração do conteúdo ministrado em sala de aula. Isso significa que, durante uma aula convencional, o professor pode recorrer a um vídeo do YouTube para exemplificar, ilustrar ou oferecer uma abordagem alternativa ao mesmo conteúdo, a fim de auxiliar os alunos em seu entendimento. (RAMOS; FARIA; FARIA, 2014 apud NAGUMO, TELES e DE ALMEIDA SILVA, 2020).

A utilização intencional e criteriosa dos recursos audiovisuais disponíveis no YouTube tem auxiliado significativamente o processo de ensino-aprendizagem nas escolas, tornando-o mais envolvente para os alunos e proporcionando explicações diferenciadas, complementando as estratégias tradicionais do professor.

Na perspectiva dos alunos, a percepção do uso da internet para aprendizado é positiva, pois ela desperta a vontade de aprender coisas novas, auxilia nas dificuldades encontradas, melhora o desempenho escolar e contribui para a resolução de problemas e dificuldades encontrados no ambiente escolar.

5.4 - Tipos de canais e vídeos no youtube

No contexto do YouTube, os vídeos estão organizados em canais, e segundo Aranha (2019) ele categoriza os canais em quatro principais grupos: canais de videoaula, canais experimentais, canais científicos e canais de professores que compartilham vídeos produzidos por alunos.

Os canais de videoaula (1º grupo) possuem uma característica singular, transformando o ambiente escolar em um espaço digital através do YouTube. Dentre eles, há canais que se dedicam a tópicos específicos, enquanto outros abordam áreas ou disciplinas distintas, como biologia ou matemática. Esses canais são essencialmente extensões do ensino tradicional, disponibilizando no YouTube aulas que teriam sido ministradas presencialmente. A abordagem varia, indo desde uma simples exposição do professor diante da câmera até a incorporação de elementos visuais como imagens e vídeos. Alguns canais focam no currículo escolar, espelhando um livro didático em formato de vídeo, enquanto outros priorizam a preparação para exames, como o ENEM, o que levanta críticas sobre a escolarização excessivamente orientada a avaliações.

Exemplos notáveis de canais de videoaula incluem "Descomplica," "Biologia Total," "Me Salva," "Professor Jubiluit" e "Aula de."

Os canais experimentais (2º grupo) têm a particularidade de realizar experimentos em vídeo. Isso é particularmente relevante nas ciências naturais, pois nem todas as escolas possuem recursos para um laboratório completo. Experimentos físico-químicos complexos, perigosos ou dispendiosos podem ser demonstrados de maneira controlada, permitindo aos professores de física, química e biologia ilustrar fenômenos físicos, químicos e biológicos. Essa abordagem é vantajosa também para as ciências humanas, onde fenômenos sociais podem ser capturados em vídeo.

Canais notáveis de experimentos incluem "Manual do Mundo," "Física Universitária da Unesp" e "Laboratório Virtual de Física."

No contexto dos canais científicos (3º grupo), ao contrário dos canais de videoaula, o autor explora conteúdos com base científica, mas sem a intenção de encaixá-los em uma estrutura educacional formal. Geralmente, esses vídeos são direcionados ao público em geral, abordando tópicos de interesse científico sem seguir uma organização curricular.

Exemplos de canais científicos abrangem áreas como ciência, astronomia e educação científica de forma mais aberta, como "Ponto em Comum," "Ciência e Astronomia," "Quer Que Desenho" e "Ciência Todo Dia."

Por fim, os canais de vídeo dos alunos (4º grupo) são em grande parte mantidos por professores que compartilham o trabalho de seus alunos por meio de uma conta no YouTube. No entanto, esses canais enfrentam desafios, incluindo a falta de familiaridade de alguns professores com a plataforma e a preocupação de expor os alunos aos riscos da internet.

Em síntese, a classificação dos canais no YouTube revela uma rica diversidade de abordagens educativas, desde a recriação de ambientes escolares, a exploração experimental, a disseminação de conteúdos científicos informais e a inclusão colaborativa dos alunos. Cada abordagem tem seu propósito e impacto na educação mediada por tecnologia.

5.5 - Criação de videoaulas

A utilização das videoaulas transcende as limitações da abordagem tradicional de ensino, proporcionando um vasto leque de vantagens que vão além da mera exposição verbal do professor em sala de aula. Nesse formato, é possível incorporar elementos visuais como fotos, ilustrações, mapas mentais, infográficos, vídeos de situações reais, dramatizações, desenhos animados, modelos 3D e outros recursos. Esse enriquecimento visual permite ao professor ilustrar de maneira concreta aquilo que está sendo ensinado, como exibir locais

geográficos remotos, fenômenos perigosos ou complexos da natureza e questões sociais de difícil acesso.

Segundo Aranha (2019) a prática de criar videoaulas tem raízes que remontam ao final do século passado, quando algumas instituições de ensino, especialmente universidades, começaram a gravar e distribuir material em formato de vídeo. Entretanto, o advento da internet e da ampla disponibilidade de computadores pessoais expandiu o alcance desses recursos, permitindo que as pessoas assistissem as videoaulas a partir de suas casas, muitas vezes em plataformas acessíveis como o YouTube. Um marco notável nessa trajetória foi Salman Khan, cujas videoaulas de matemática evoluíram da vontade de ensinar a um parente para a criação da Khan Academy, uma plataforma de educação online renomada.

A produção de uma videoaula requer planejamento, tão essencial quanto em uma aula tradicional. A definição de objetivos claros é fundamental para evitar a dispersão dos alunos e garantir um entendimento eficaz. Videoaulas excessivamente longas podem desmotivar os estudantes, portanto, fragmentá-las em unidades menores, cada uma abordando um tópico específico, tende a ser mais eficiente. Assim, é mais vantajoso optar por várias videoaulas curtas, cada uma focando em um tema específico, em vez de uma única e extensa videoaula abordando uma gama generalizada de conteúdos.

A produção de videoaulas pode ser uma tarefa realizada por uma equipe multidisciplinar que abrange diversas áreas do conhecimento. Nesse cenário, um profissional se responsabiliza pelas tarefas técnicas, como gravação, edição e montagem audiovisual. Outro indivíduo, geralmente um professor, elabora o conteúdo e o roteiro da videoaula. Por fim, um apresentador – que pode ser o próprio professor ou outro especialista – assume a tarefa de comunicar o conteúdo de acordo com o roteiro estabelecido. Em algumas circunstâncias, um professor pode atuar como apresentador para sua própria disciplina, enquanto convida colegas para colaborar no desenvolvimento de roteiros para outros tópicos.

A habilidade de comunicação do apresentador é crucial para o sucesso das videoaulas. A clareza e objetividade na exposição, a capacidade de se dirigir ao público com empatia, de forma a criar um ambiente motivador e envolvente, são aspectos fundamentais. Pausas estratégicas que permitam a reflexão do aluno, a colocação de questões e a concessão de tempo para ponderação também são técnicas valiosas. Estabelecer conexões entre diferentes tópicos, de modo que um assunto conduza naturalmente ao próximo, aprimora a compreensão.

Aranha (2019) menciona tentativas de estabelecer um padrão universal para a produção de videoaulas, algo que se assemelharia a uma metodologia abrangente. Contudo, tal

esforço revelou-se inadequado, pois cada disciplina e conteúdo possui nuances particulares que demandam abordagens específicas. É interessante notar que muitos alunos manifestaram preferência por videoaulas com uma abordagem linguística similar à do jornalismo, em contraste com a tradicional exposição didática realizada pelo professor.

Em síntese, as videoaulas proporcionam uma abordagem enriquecida de ensino, permitindo a exploração de elementos visuais e a adaptação das estratégias pedagógicas a cada disciplina e conteúdo. Essa versatilidade é acompanhada pelo desafio de oferecer uma experiência de aprendizado coesa e envolvente, demandando habilidades de comunicação aprimoradas e uma compreensão refinada das necessidades dos estudantes.

Parte 2 - Execução das Videoaulas

Capítulo 6 - Contextualização

A análise desenvolvida a seguir se baseia nas experiências obtidas durante a execução dos estágios 1, 2, 3, e 4 na escola estadual Alfredo Gaspar de Mendonça no bairro do Eustáquio Gomes em Maceió/AL, onde pude colocar em prática aulas utilizando de videoaulas como material didático.

Essa escola ofertava aulas para o ensino fundamental 1 até o oitavo ano de manhã, e o nono ano assim como o ensino médio à tarde. Só no ensino médio havia mais de 800 alunos. A escola apresentava uma infraestrutura básica para poder suportar todos esses alunos. Ela tinha salas de aula, sala multimídia, biblioteca, sala para alunos especiais, uma cantina, banheiros para alunos, e banheiros para professores, uma sala para o coordenador dos alunos, uma sala

para a diretoria, uma sala administrativa, um pátio no meio da escola e uma area para educação física com uma quadra coberta e uma descoberta.

As salas de aula tinham um projetor que o professor podia usar durante a aula. Muitos desses projetores não estavam funcionando, então o professor se fosse usar o projetor teria que buscar em outra sala, ou então marcar para uso a sala multimídia.

Todos os 4 estágios foram feitos nessa mesma escola. Sendo assim, pude ter a experiência de observação das aulas do professor, assim como ministrar as aulas, e de fazer o material didático e aplicá-lo em sequências de aulas. Os estágios 1 e 3 foram coordenados pela professora Jordânia, e os estágios 2 e 4 pela professora Fernanda Feijó.

O professor de sociologia dava aula todos os dias exceto sexta feira, e também pegava alguns horários de filosofia pois não havia professor nessa matéria. O quadro de horários das turmas funcionou o ano todo, então durante meus estágios não tive mudança.

Horários do professor de Sociologia da Escola Estadual Alfredo Gaspar de Mendonça:

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta
13:00 - 14:00	2° - t03 - FIL	1° - t02 - SOC	1° - t05 - SOC	2° - t01 - SOC
14:00 - 15:00	2° - t04 - FIL	1° - t01 - SOC	3° - t04 - SOC	2° - t03 - SOC
15:00 - 16:00			3° - t03 - SOC	2° - t04 - SOC
INTERVALO				
16:20 - 17:20		1° - t04 - SOC	3° - t01 - SOC	2° - t02 - SOC
17:20 - 18:20	2° - t01 - FIL	1° - t03 - SOC	3° - t02 - SOC	2° - t02 - FIL

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nas informações passadas pelo professor de Sociologia da EE Geraldo Melo

A escola estadual Alfredo Gaspar de Mendonça é um bom exemplo de instituição de ensino que existe dentro do transcendental e histórico de uma sociedade em rede (Neto;Silva, 2019), isso porque a maioria dos alunos e professores já estavam familiarizados e utilizando as tecnologias de informação e comunicação (TICs). A maioria dos professores utilizavam de TICs na sala, pois a Escola tinha oferecido a todos os professores um notebook para poder trabalhar, assim como tinham colocado em cada sala um projetor para que os professores pudessem usar.

Ministrei aula para basicamente todos os alunos do ensino médio que estavam no primeiro, segundo e terceiro ano, e pude perceber que a grande maioria tinha um dispositivo pessoal (como smartphone) e levavam para a escola. Sei disso pois o professor que me acompanhou fazia um planejamento de disciplina levando em consideração o contexto digital. Estava com ele na sala quando ele perguntou se todos os alunos tinham smartphone. Basicamente todos os alunos responderam que tinham seu próprio Smartphone, alguns poucos não tinham o seu próprio mas conseguiu utilizar o smartphone dos pais ou familiar. Sendo assim, até esses conseguiriam ter acesso ao conteúdo digital que o professor iria disponibilizar. A maioria dos alunos também tinham dados móveis e conseguiam acessar a internet no seu próprio dispositivo.

Os professores da escola tinham criado grupos no whatsapp para cada uma das turmas, e nesses grupos eles agiam como administradores e colocavam as informações relacionadas a trabalhos, tarefas de casa, avaliações, etc. No caso do professor de Sociologia, ele também havia criado um perfil do Instagram onde ele fazia postagens que seriam as atividades a serem realizadas pelos alunos. Sendo assim, todas as semanas ele selecionava algumas imagens ou vídeos, e na descrição da imagem colocava o que queria que os alunos fizessem, posteriormente em sala ele verificava se os alunos tinham feito as atividades. Além dessas redes sociais, os professores mandavam os alunos assistirem vídeos que eles selecionavam no Youtube, e depois passavam tarefas em função desses vídeos.

Como muitos alunos tinham acesso a algum dispositivo pessoal, acesso à internet e acesso às redes sociais, esses mesmos alunos ficavam utilizando desse ambiente digital enquanto estavam na escola principalmente no período de intervalo. Algumas vezes eles acabam utilizando dentro da sala de aula quando o professor não pedia que eles utilizassem, com isso o professor acabava repreendendo os alunos que faziam isso. Mas também em outras ocasiões o professor passava alguma atividade e permitia que os alunos utilizassem os dispositivos e da internet para poder acessar material de apoio e fazer pesquisa.

Capítulo 7 - Planos de Aula

A escola estadual Alfredo Gaspar de Mendonça, disponibiliza alguns recursos como projetores nas salas de aulas, e uma sala multimídia, assim como muitos alunos tinham seus smartphones. O meu planejamento das aulas levou em consideração a utilização das tecnologias de informação e comunicação, os recursos que a escola oferecia, e os dispositivos que os alunos tinham.

Durante os estágios tive de ministrar algumas aulas, e em algumas dessas aulas utilizei videoaulas para poder fazer a aplicação prática para esse trabalho.

Eu e o professor que me orientava na escola escolhemos conjuntamente a temática das aulas. Como na semana haveria o dia dos Povos Indígenas (19 de Abril) e na escola teria evento com relação aos povos indígenas com várias apresentações e trabalhos em várias disciplinas, essa foi a temática escolhida para as aulas que iria ministrar usando as videoaulas.

A professora Fernanda Feijó da disciplina de estágio 2 e 4, e a professora Jordânia da disciplina de estágio 3 me ajudaram a organizar os planos de aulas nas suas respectivas disciplinas. Para essas disciplinas tive de fazer quatro sequências didáticas, sendo os temas das aulas: 1 etnocentrismo e relativismo cultural; 2 povos indígenas no Brasil; 3 povos indígenas de Alagoas; 4 formação do povo brasileiro.

Como as aulas seriam sequências didáticas, na primeira aula iria apresentar as videoaulas e explicar um pouco o conteúdo, e na segunda aula fazer atividades.

Poderia ministrar aulas utilizando diversos tipos de materiais didáticos, as videoaulas foram escolhidas pelo impacto que elas têm no ensino no atual transcendental histórico de uma sociedade em rede. Na videoaula teria controle do que é dito e mostrado com o roteiro e a seleção prévia dos recursos imagéticos. Também é possível apresentar uma explicação verbal e visual juntas.

Os alunos podem assistir a videoaula dentro da sala e posteriormente fora dela. Podem assistir quantas vezes forem necessárias. Posso apresentar imagens enquanto explico o conteúdo. Em uma aula com slides, imagens e vídeos, assim como vídeo aulas, os alunos prestam mais atenção do que em uma aula onde o professor simplesmente fala. As imagens ilustram e exemplificam aquilo que explicava. Devido a essas vantagens, decidi usar as videoaulas como material didático.

Dentro da sala iria mostrar as videoaulas utilizando do notebook do professor assim como do projetor. Também coloquei na internet no YouTube para que os alunos possam posteriormente assistir novamente com seu dispositivo pessoal em casa.

Outra vantagem de fazer videoaulas e disponibilizar elas no YouTube, é que quando o aluno assiste a videoaula, o próprio YouTube recomenda outras vídeo dentro da mesma temática, nesse caso sobre povos indígenas. Sendo assim, depois de assistir a videoaula feita por mim, o aluno poderia se aprofundar com outros vídeos feitos por outras pessoas, às vezes como a linguagem que mais se adequa ao aluno.

A inspiração para fazer as videoaulas foram as diversos videoaulas que assisti de outros professores que conseguiram explicar um conteúdo, seja teórico, conceitual, ou temático, e enquanto explicavam também mostravam imagens, desenhos, ilustrações, fotos, modelos 3D, assim eles conseguiam tanto trazer a explicação quanto a exemplificação daquilo que ele estava ensinando. O que mais admirava nesses tipos de videoaula era justamente a facilidade de explicar um conteúdo complexo porém de maneira fácil com todos esses recursos em uma única videoaula. Alguns canais que me serviram de inspiração foram: Professor HOC, Hoje no mundo militar, BBC news Brasil, Ciências Todo Dia, Ciência Narrada, ATECH-INFO, ScienceClic, Arvin Ash, PBS Space Time, Sociologia Animada, Parabólica, Brasil Escola, Descomplica, etc.

Na sociedade em rede a informação se comunica através de hipertextos e através das TICs (THOMAZ, 2017). Um determinado conteúdo apresentado na sala de aula, também pode se enquadrar dentro das características de hipertexto e utilizando das redes sociais e TICs. E foi justamente isso que aconteceu com o planejamento dessas aulas. Pude obter as referências para fundamentar o conteúdo da aula através da internet, gravei as videoaulas em casa em um notebook, fiz upload das videoaulas no Youtube, os alunos assistiram na sala com o projetor e computador da escola, e em casa através de seus dispositivos pessoais, e a essas videoaulas estão vinculados outros vídeos que falam do mesmo assunto

Nesse novo transcendental histórico a escola passa para um novo paradigma, (NETO e SILVA, 2019), onde o conhecimento transmitido pelo professor acaba competindo com conhecimento transmitido por várias pessoas que criam conteúdo para a internet. Às vezes essas informações são complementares, e às vezes são totalmente antagônicas. A intenção de criar esses materiais didáticos em forma de videoaulas e disponibilizar no Youtube é justamente pensando em evitar essa concorrência, onde os alunos depois da aula poderiam acessar o conteúdo que estaria na internet, e continuariam tendo acesso ao conhecimento transmitido pelo professor ou selecionado por ele.

Capítulo 8 - Metodologia - Como foram feitas as Videoaulas

8.1 - Metodologia Geral

Antes de poder fazer as videoaulas tive de ficar uma semana inteira apenas aprendendo a como fazer uma videoaula. Assisti vídeos no Youtube que me orientaram a fazer um roteiro, que era preciso saber o conteúdo, que era preciso selecionar imagens, áudios, outros vídeos, e que era necessário explicar o conteúdo de maneira sistematizado, e enquanto você falava você iria mostrando as imagens, os áudios, e apresentando outros vídeos.

Todas essas etapas são necessárias porque uma videoaula é uma produção audiovisual didática. Se o professor apenas grava o seu rosto falando, não tem muita diferença do aluno assistir à aula na escola com o professor falando e assistir a videoaula. O diferencial da videoaula é que além da explicação oral do professor, ele ilustra aquilo que fala através de imagens, fotos, desenhos, ele também apresenta sons, músicas, e ao invés de dar exemplos ele pode mostrar vídeos, gravações, filmagens daquilo que ele explica.

Uma videoaula bem feita enquanto produção audiovisual soluciona diversos problemas de uma aula convencional. Em uma aula convencional o professor falando direto, depois de 10 minutos começa a ficar cansativo, ficar olhando para o mesmo rosto. Em uma videoaula o professor pode alterar as imagens que aparecem em tela, e a pessoa consegue ficar várias horas olhando para tela, por isso que tem pessoas que assistem filmes de duas horas e não se sentem cansadas mentalmente.

Outro problema que a videoaula resolve diz respeito à abstração de conceitos. Quando o professor, em sala de aula, começa a explicar um conceito mais abstrato, o aluno tem que imaginar aquilo que o professor está falando. Isso pode causar dois problemas: ou o aluno não consegue imaginar e ele não entende; ou o aluno começa a imaginar demais e se perde nas ideias, o que o faz deixar de prestar atenção na explicação do professor. Uma videoaula pode apresentar exemplificações físicas com imagens, vídeos, com fotos, com ilustrações. Ao invés de fazer a pessoa pensar em uma ideia abstrata, a videoaula pode mostrar aquela ideia abstrata. Isso facilita muito o processo de aprendizado (ANGREWSKI 2015, MOURA, 2010).

A minha intenção em construir uma videoaula é de poder apresentar o conteúdo de maneira expositiva falando, mas ao mesmo tempo mostrando imagens e ilustrando as ideias.

Conforme debatido nos capítulos anteriores para Moura (2011) a representação pode ser definida como: “a tentativa do ser humano registrar a realidade, mas de modo que o observador ao ver o registro sabe que aquilo não é a realidade”. Exemplos de representação são as pinturas, os desenhos, as ilustrações e as esculturas. A representificação seria: “a tentativa de registrar a realidade, porém quando o observador vê o registro, ele pensa que aquilo é real”. É o caso da fotografia e da filmagem, pois quando a câmera capta a luz, a imagem se assemelha muito a visão humana daquilo que está sendo registrado, e em função disso a câmera fotográfica, ou de filmagem, é muitas vezes considerada como a forma mais objetiva de se retratar a realidade, tendo a maior fidelidade, ao contrário de outras formas como desenho, pintura que são considerados mais subjetivos.

As videoaulas como utilizam na sua apresentação de conteúdo de imagens, ilustrações, desenhos, cenas de filmes, gravações, dá a entender que aquilo que está sendo apresentado de fato é a realidade, ou seja, a videoaula seria um representificação. Como anteriormente debatido para Moura (2011) as imagens e filmagens são construídas dependendo da intencionalidade do autor, e no caso das videoaulas, esse material didático e todo o conteúdo apresentado nela, é construído em função da intencionalidade do professor que está apresentando conteúdo.

As videoaulas se assemelham muito aos materiais fotográficos e filmagens documentais, pois suscitam a crença de que aquilo está sendo retratado ali corresponde inquestionavelmente à realidade. Sendo assim, o aluno realmente tem dificuldade de entender que as videoaulas, as imagens, as filmagens, são meticulosamente planejadas e desenvolvidas, e que são selecionadas especificamente local, o momento, a situação da gravação, determinadas coisas são escolhidas para aparecer na imagem, e nesse caso determinadas coisas são escolhidos para aparecer ou não na videoaula.

8.2 - Metodologia Específica

A construção de uma videoaula, assim como o material de imagens, ou de filmagens documentais, depende da intencionalidade do seu autor e da metodologia que ele escolher. Sendo assim, irei explicar como cada videoaula foi construída.

Segundo Moura (2010, 2011) a análise da realidade social nunca se dá de maneira neutra ou objetiva, já que a perspectiva é influenciada pelo contexto do observador. Devido a isso

penso ser importante expor minha própria visão, valores e contextos culturais, quem pensaram na construção das videoaulas.

Eu também irei explicar a dimensão da forma e da e do conteúdo das videoaulas. Sendo a dimensão forma: construção da sequência didática, a seleção das imagens, como elas foram criadas, o que está sendo mostrado e omitido, a posição da câmera, iluminação, composição do cenário, como foram construídas as ilustrações. E a dimensão do conteúdo se refere a narrativa, a história representada nas imagens, ilustrações, e a videoaula como toda.

Algumas noções como roteirização, montagem e edição são tanto aspecto da forma quanto impacta o conteúdo que está sendo apresentado.

Busquei fazer essas videoaulas com a mesma metodologia que são feitas os documentários, buscando retratar uma realidade mais objetiva, entretanto o que está sendo apresentado é influenciado pela perspectiva do autor, do seu contexto cultural, histórico, social, pelas pessoas, pela minha posição política e ideológica, e condição econômica.

Para fazer as videoaulas não tive acesso a material profissional, então acabei fazendo de maneira amadora. Os recursos materiais que utilizei para fazer as videoaulas foram um notebook e um microfone de lapela que consegui emprestado. Mesmo com microfone de lapela o áudio não ficou tão bom, pois não era um equipamento profissional, mas ficava melhor do que o áudio capturado pelo notebook à distância.

Com o programa de gravação Clipchamp, consegui gravar a mim mesmo com a câmera do notebook e ao mesmo tempo gravar a tela do notebook. Na edição consegui colocar a gravação com o meu rosto na lateral da tela, enquanto de fundo ficava a gravação da tela do notebook com as imagens que iria explicando.

Para todos os vídeos cheguei a fazer um roteiro em tópicos, onde conseguia ver enquanto fazia gravação. Com ele conseguia me orientar sobre os assuntos que iria falar na sequência correta. Posteriormente fiz upload do vídeo no YouTube, e distribuí o link para os alunos poderem assistir em casa, assim como estou disponibilizando aqui. Durante a aula mostrei a videoaula para os alunos com o notebook que a escola forneceu ao professor e o projetor da sala.

Disponibilizar a videoaula no YouTube e mandar o link para os alunos no grupo do WhatsApp, foi importante para que os alunos pudessem assistir o vídeo em casa, que foi justamente o que eles fizeram. Mesmo tendo mostrado a videoaula na sala, mais de 100 alunos assistiram em casa.

Os planos de aulas onde foram utilizadas essas videoaulas, com o roteiro, e fundamentação teórico metodológica, estarão disponíveis nos apêndices.

8.2.1 - Videoaula 1 - Formação da população Brasileira¹

Essa videoaula foi feita para ser autônoma, e para explicar por si só todo o conteúdo apresentado. Um professor pode utilizá-la no meio da sua aula, onde ela vai fazer toda a explicação do conteúdo, e depois o professor pode tirar algumas dúvidas dos alunos. O professor também pode utilizar essa videoaula para que os alunos assistam em casa, e façam algum trabalho ou alguma atividade explicando sobre o que entenderam da videoaula. Ou então, o professor pode utilizar dessa videoaula como um apoio, uma explicação um pouco mais aprofundada de algo que ele não conseguiu explicar muito bem.

Considerando o conteúdo de “a formação da população brasileira”, expliquei primeiramente como os humanos (ameríndios) chegaram ao continente americano. Falei como foi a migração dos ameríndios, ou seja, como os primeiros povos americanos chegaram às Américas. Posteriormente falei da migração europeia e do início da colonização das Américas. E depois falei da diáspora africana, e como as pessoas escravizadas na África chegaram nas Américas.

Depois de falar sobre a migração, expliquei a composição da população brasileira, que é formada entre os ameríndios, os europeus e os africanos. Esses três grupos foram se misturando, e se reproduzindo uns com os outros, muitas vezes de maneira violenta, e dessa junção surge uma população com características genéticas e fenotípicas com a mistura desses três povos.

Enquanto explicava oralmente, também mostrava os mapas apresentando a trajetória das migrações, assim como gráficos apresentando a composição da população brasileira entre brancos, indígenas, pardos e pretos. Foi interessante que não apenas utilizei as imagens para ilustrar, mas fui explicando utilizando elas, fui mostrando nas imagens onde estavam as informações.

As referências para as videoaulas são: IBGE. (2023). Silva, Daniel Neves. (2023) Fernandes, Cláudio. (2023) Bezerra, Juliana. (2023).

¹ Material didático disponível no site <https://youtu.be/AVE-OjpGBxU>

8.2.2 - Videoaula 2 - Etnocentrismo e Indígenas ²

Essa videoaula fiz posteriormente a gravação da videoaula 1, e portanto quis evitar alguns erros e melhorar a qualidade.

Para construção dessa videoaula, foi preciso compreender que o professor tem de simultaneamente explicar o conteúdo e apresentar imagens e vídeos para que a aula se torne dinâmica, e não só uma gravação da aula presencial. Com relação a edição, desenvolvi a capacidade e as habilidades necessárias para gravar o meu rosto falando mas também a tela do computador, mostrando o que queria apresentar, mas ocultando algumas coisas que não queria que aparecesse, como por exemplo o roteiro e o cronômetro. Dessa forma consegui fazer com que a gravação pegasse a aba do Google Chrome onde estavam as imagens, mas não pegasse a aba onde estava o texto do roteiro.

Para criação do roteiro tive que me aprofundar sobre o tema do etnocentrismo e relativismo cultural e precisei escrever um texto. Depois selecionei algumas imagens, e ao longo do roteiro colocava uma indicação mostrando que a imagem iria aparecer. Dessa forma o roteiro prepara tanto a apresentação do conteúdo falado, quanto a apresentação do conteúdo visual.

Fiz a gravação com o material amador que possuía, porém ao assistir o vídeo percebi que o meu olhar ficava variando, olhava para a câmera (onde do ponto de vista de quem assiste parecia que olhava nos olhos), e também olhava para a tela para poder ler o roteiro (só que do ponto de vista de quem está assistindo a videoaula parece que estou olhando para baixo).

A gravação dessa videoaula ficou um pouco melhor do que a videoaula anterior, entretanto ainda ocorreram os problemas técnicos devido aos equipamentos não serem profissionais, como volume baixo do áudio. Entretanto, esses problemas não impedem a compreensão do conteúdo pelos alunos.

Sobre a apresentação do conteúdo, começo explicando o conceito de etnocentrismo, apresento algumas imagens conceituais que exemplificam questões etnocêntricas e também ilustram esse tipo de acontecimento. Posteriormente explico como os povos indígenas chegaram nas Américas, como estavam distribuídos os povos indígenas em torno de 1500. Explico chegada dos Europeus principalmente os portugueses nas Américas, apresento alguns exemplos de conflitos étnicos que acabaram acontecendo.

Os autores das referências são: Porfírio, Francisco.(2023), Sena, Ailton (2020)

² Esse material didático está disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=0BMEIcO5vYE>

8.2.3 - Videoaula 3 - Povos Indígenas no Brasil³

Na gravação dessa videoaula já tinha um pouco mais de experiência que as anteriores. Estudei o conteúdo que iria ensinar; fiz um roteiro que apresentava a sequência lógica e sistematizada que o conteúdo seria apresentado, e as imagens que iriam aparecer na tela. Antes de iniciar a gravação já havia preparado as imagens e sabia a sequência de como iria gravar.

Antes de gravar fiz um ensaio, expliquei o conteúdo para a câmera como se estivesse gravando, e pude identificar onde travava, gaguejar, aonde ia parar para pensar, e pude depois fazer de uma maneira onde não cometesse essas falhas de gravação. Sendo assim, quando fiz essa gravação, já fluiu mais tranquilamente. A primeira versão já saiu bem feita.

Sobre o conteúdo, expliquei de onde vieram os indígenas que viviam na América. Expliquei sobre os povos indígenas que estavam vivendo aqui na América em torno de 1500. Também expliquei como foi o contato deles com os europeus, e mostrei várias imagens que os europeus fizeram dos indígenas, algumas gravuras e pinturas. Apesar que essas imagens foram feitas por europeus com um olhar europeu e etnocêntrico, tentei focar em aspectos mais objetivos como urbanismo da aldeia, as roupas ou ausência de roupas, as pinturas corporais, e também mostrei mapas dos territórios indígenas com o passar do tempo inclusive hoje em dia. Também apresentei alguns sites que mostram informações sobre todos os povos indígenas, sua localização, população, cultura, etc.

Os autores de referências são: Souza, Thiago. (2023) Povos indígenas do Brasil (2023)

8.2.4 - Videoaula 4 - Indígenas em Alagoas⁴

De todas as gravações, a criação dessa videoaula foi o mais fácil, pois já tinha experiência das anteriores. Estudei o conteúdo, porém ao invés de fazer um roteiro escrito fiz um roteiro temático, colocando todos os assuntos que teria de falar durante aquela aula. Também pude selecionar as imagens para poder explicar o conteúdo e já sabia o momento exato de falar sobre cada uma. Quando expliquei o conteúdo, fui me guiando pelo roteiro e mostrando as imagens sem dificuldade.

³ Esse material didático está disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=13BiPRQITIM>

⁴ Este material didático está disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=4OBuzBwS5xQ>

Ao longo do processo de criação das videoaulas, pude perceber que conforme preparava as aulas, esse trabalho ficava mais fácil e simples. Toda essa experiência ajudava na preparação do roteiro, seleção de imagens, apresentação do conteúdo junto das imagens durante a gravação, e edição posterior.

Sobre o conteúdo abordei os indígenas que vivem no estado de Alagoas. Primeiro expliquei sobre os indígenas espalhados pelo território do Brasil como um todo, inclusive com alguns mapas e imagens. Posteriormente falei daqueles que estavam dentro do território do Estado de Alagoas, incluindo mostrando alguns mapas e gráficos que mostravam a quantidade da população indígena, além de alguns sites que explicam justamente os povos indígenas em Alagoas, explicando sua cultura, sua história, sua população, entre outros assuntos.

As referências são: Povos indígenas do Brasil (2023) e Mapa dos Conflitos (2023).

Capítulo 9 - Aplicação das Videoaulas em Sala

Durante os estágios pude obter a experiência de 1º conhecer a escola, 2º assistir as aulas do professor, 3º ministrar aulas, 4º criar materiais didáticos e utilizar eles em aula. Quando fiz a aplicação das videoaulas em sala, já possuía experiência de ministrar aulas, além disso tive 2 semanas de planejamento e preparação das sequências de aulas onde utilizaria as videoaulas. Então quando fui ministrar as aulas estava muito preparado.

9.1 - Aula 1 - Formação da população Brasileira

O professor que me orientava na escola durante o estágio me informou com uma semana de antecedência que daria aulas sobre povos indígenas. Nessas circunstâncias, consegui estudar sobre o conteúdo, preparar um roteiro, selecionar algumas imagens, gravar um vídeo, e depois editar o vídeo e postar ele no YouTube.

Inicialmente expliquei para os alunos que a aula fazia parte da temática das humanidades daquela semana, que seria sobre os povos indígenas, e que tinha feito um vídeo explicando o conteúdo. Dei uma introdução no assunto falando um pouco sobre a formação da população brasileira, que inclui os povos indígenas, os europeus, e os africanos. Depois apresentei a videoaula para eles. Toda essa parte demorou 30 minutos. Nos 20 minutos restantes, perguntei aos alunos se eles estavam com alguma dúvida, e eles apresentaram as suas questões, devido a isso pude explicar mais profundamente o tema, assim como falar de outras assuntos que não constavam no vídeo.

9.2 - Aula 2 - Etnocentrismo e Indígenas

Primeiramente expliquei que iria ministrar uma aula sobre etnocentrismo e relativismo cultural. Depois fiz algumas perguntas aos alunos sobre o que eles sabiam sobre esses assuntos, e eles responderam que não sabiam. A partir daí falei que iria passar um vídeo explicando e depois iniciaria uma discussão sobre o tema. Após passar a videoaula para os estudantes, iniciei um diálogo com eles, para que me apontassem o que haviam entendido. Alguns alunos até entenderam bem e conseguiram dar boas explicações. Fiquei dialogando com os alunos tentando sanar algumas dúvidas e coisas que não tinham entendido muito bem.

No final da primeira aula mandei as questões avaliativas para os alunos para eles responderem em casa e trazerem na próxima aula. Também falei para eles que o vídeo estava no YouTube, apesar de que havia mostrado para todos em sala de aula com o notebook do professor e o projetor, mas aqueles que, porventura, ainda tivessem alguma dúvida, poderiam assistir novamente na internet.

Na segunda aula que foi na outra semana, eu e o professor chegamos na sala, fizemos a chamada, e perguntamos se os alunos tinham feito a tarefa de responder às questões. Tanto eu quanto o outro professor ficamos conversando com os alunos explicando o etnocentrismo e o relativismo cultural, dando exemplos na atualidade, demonstrando coisas da nossa cultura que vieram das culturas indígenas.

O professor que me acompanhava em sala tinha pedido para participar da aula pois não estaria na escola no período da avaliação, então ele tinha que dar um pouco de conteúdo para poder depois avaliar os alunos. Nesse segundo dia foi uma aula mais de discussão, os alunos participaram, o professor escreveu na lousa, e parece que o aprendizado foi efetivo.

9.3 - Aula 3 - Povos Indígenas no Brasil

A execução dessa aula foi muito parecida com a execução da aula sobre etnocentrismo e relativismo cultural, uma vez que seguiu o mesmo padrão. Na primeira aula expliquei brevemente o conteúdo para os alunos, a partir de então coloquei a videoaula para eles

assistirem, e a videoaula tinha uns 20 minutos. No restante do tempo fiquei tirando dúvidas dos alunos do que eles entenderam da videoaula. No final da aula mandei os alunos responderem as questões avaliativas para trazer na próxima aula.

Na segunda aula perguntei aos alunos o que eles tinham entendido do conteúdo, e aqueles que responderam em casa as questões deram suas respostas em sala. Depois e o professor ficamos dialogando com os alunos sobre os diferentes povos indígenas, e o que faz uma pessoa ser indígena, e quais são suas características. Os alunos estavam envolvidos e estavam participando.

9.4 - Aula 4 - Indígenas em Alagoas

A execução da aula não foi muito diferente das demais. Na primeira aula apresentei o tema, mostrei o vídeo, e depois tirei dúvidas dos alunos. Também mandei as questões avaliativas para responder em casa e trazerem para a próxima aula.

Já na segunda aula eu e o professor começamos a conversar com os alunos sobre os diversos povos indígenas de Alagoas. Expliquei alguns dos povos seguindo a metodologia que tinha estabelecido.

O professor que me acompanhava em sala já veio com uma abordagem diferente, perguntando para os alunos se eles conheciam alguns grupos indígenas aqui de Alagoas, e se eles já tinham ido para alguma aldeia. Alguns alunos responderam que conhecia alguns indígenas aqui, mas até onde me lembro nenhum deles chegou a ir para alguma Aldeia.

Eu e o professor que me acompanhava em sala conversamos com os alunos, e perguntamos se alguns deles seriam indígenas, e se fossem, o que os diferencia das pessoas não indígenas. Posteriormente expliquei algumas características fenotípicas dos indígenas, e algumas características culturais. E também falei que nós temos algumas características culturais que herdamos dos grupos indígenas e mostrei algumas delas.

No final da aula os alunos perceberam que tinham características indígenas e também determinados aspectos culturais que herdaram dos indígenas.

Capítulo 10 - Resultados da Aplicação das Videoaulas

Para mim foi extremamente proveitoso usar videoaulas como material didático nos estágios, pois aprendi na prática como se faz uma videoaula. Essas videoaulas que construí não ficaram perfeitas, tenho muito o que melhorar, principalmente na parte técnica. Caso compre

futuramente um microfone e uma câmera profissional posso ter uma qualidade de imagem e de áudio muito melhores, e se eu montar um estúdio de gravação, posso ter um bom sistema de iluminação, e melhorar a acústica com abafadores de ruído.

No quesito conteúdo, acredito que pude ter pego uma experiência muito boa, pois aprendi a preparar o conteúdo, fazer um roteiro com texto guia e imagens, a preparar as coisas que vão aparecer no vídeo, as fotos, e imagens, outros vídeos; também aprendi a editar o vídeo, fazendo cortes, ajustando a imagem da câmera e da tela dos computadores. Tudo isso trouxe uma experiência que até então não tinha ao longo desse curso na UFAL.

Com essas práticas percebi que a produção de videoaula requer planejamento da mesma forma que a produção de uma aula tradicional. É preciso definir objetivos, definir um conteúdo condizente aos objetivos, assim como fazer um roteiro. Também é possível fazer uma sequência de videoaulas cada uma abordando o conteúdo específico dentro de um planejamento mais abrangente de um conteúdo geral.

Aranha (2019) já mostra que a produção de uma videoaula requer planejamento e uma boa execução. Caso o professor não consiga fazer a videoaula sozinho ele pode fazer com a ajuda de outras pessoas. Nesse cenário, um profissional se responsabiliza pelas tarefas técnicas, como gravação, edição e montagem audiovisual; e o professor elabora o conteúdo e o roteiro da videoaula e apresenta.

No meu ponto de vista o recurso didático de videoaula tem um potencial incrível de ensino-aprendizagem e de apoio para o professor.

Um professor que tenha que dar muitas aulas em um dia, às vezes cinco, seis aulas, iria se esforçar muito e se desgastar muito para passar o mesmo conteúdo. Sabendo ele que vai ter que dar de 5 a 6 aulas, ou até mesmo mais, sobre o mesmo conteúdo, ele pode previamente gravar uma videoaula explicando aquele conteúdo e em sala de aula reproduzir essa videoaula. Dessa forma o trabalho que ele teria de dar a mesma aula várias vezes seria reduzido a apenas dar uma aula na frente de uma câmera, e depois mostraria a mesma videoaula de diferentes turmas. No meu ponto de vista isso seria um grande facilitador para o professor. Lógico que cada turma tem suas peculiaridades, iriam surgir dúvidas diferentes, mas o professor estando ali poderia responder algumas dúvidas dos alunos.

Outra vantagem de uma videoaula é que professores de sala de aula podem utilizar de explicações dadas por outros profissionais altamente qualificados e que falam sobre sua área de expertise. Essas aulas estão disponibilizadas na internet, como por exemplo no YouTube, e professores de todo o Brasil que não dominam tanto aquele assunto, algumas vezes não são nem

formadas na área, poderia utilizar dessas videoaulas feitas por esses especialistas, e seus alunos teriam acesso a um conhecimento extremamente rico, que eles não teriam se apenas dependessem dos conhecimentos de seus professores.

Mas a principal vantagem que pude perceber, é o fato de que com a videoaula o professor não precisa contar com a capacidade de imaginação e abstração dos alunos. Se o professor explica uma situação, um fenômeno, ou um fato, os alunos têm que imaginar, devido a isso pode acontecer três situações. Na primeira, o aluno pode pensar algo totalmente errado, algo totalmente fora do que o professor estava falando, e por causa disso ele não entende a aula. Ou pode acontecer do aluno também ficar só imaginando, o que pode levar ele se perder no mundo das ideias, e acabar perdendo o foco na explicação do professor. E também pode acontecer de alunos que não conseguem ter uma capacidade de abstração muito desenvolvida, não serem capazes de imaginar o que o professor fala.

Uma videoaula soluciona esses problemas à medida que o professor ao gravar explicando o conteúdo, ao mesmo tempo ele mostra imagens, fotos, ilustrações, mapas, infográficos, modelos 3d, mostra vídeos exemplificando, gravações, etc. Tudo isso pode estar numa videoaula e tira o trabalho de abstração dos alunos, e evita as chances dele cometer erros de entendimento.

O trabalho de Aranha (2019) mostra justamente quatro tipos de canais do YouTube, e como eles podem ser utilizados para fazer esse trabalho de ilustração, principalmente os canais de videoaula, canais experimentais e canais científicos. Já Silva e Lopes (2021) mostra que vídeos já são utilizados para ilustrar desde a época da televisão e cinema. Enquanto Menezes (2003 apud MOURA, 2011) mostra que as imagens (fotografias e vídeos) são tão meticulosamente criadas que se assemelham ao real, gerando uma dificuldade perceptual em distinguir entre a realidade e a representação; por isso elas são tão boas em ilustrar algo que o professor queira mostrar aos alunos, além de serem chamadas pelo autor de representificações.

As videoaula sendo utilizadas no contexto do ensino de Sociologia escolar, podem ser utilizadas para desenvolver o olhar sociológico e crítico por meio da análise da própria videoaula. E o autor Miguel (2003 apud MOURA, 2010) mostra que desenvolver um olhar sociológico para as imagens, implica desatualizar e estranhar esses elementos visuais, permitindo que se tornem objetos de análise à luz dos princípios das Ciências Sociais.

Caso o professor crie uma videoaula e dentro dela mostre fotografias, filmagens, gravações, fotos, ilustrações, desenhos, pinturas, gravuras, modelos 3D, e outras formas de representação e representificação, ele pode utilizar do conhecimento da Ciências Sociais, assim

como da Antropologia e da Sociologia visual, para se aprofundar na compreensão dos elementos que constituem a videoaula, estimulando uma análise mais profunda e crítica. E o autor Moura (2010) mostra que a abordagem do olhar sociológico não apenas capacita o aluno a observar a realidade com discernimento, mas também a decodificar os fenômenos sociais retratados nas imagens do cotidiano.

Ao fazer essa análise mais profunda, o professor de Sociologia escolar também faz com que o aluno desenvolva uma desnaturalização e o estranhamento para esses recursos em vídeo, que são utilizados tanto no ensino escolar quanto na internet nas redes sociais como um todo.

Atualmente a maioria dos brasileiros têm acesso à internet e conseguem acessar o YouTube, Instagram, Facebook, e outras redes sociais onde elas têm acesso a videoaulas, vídeo de entretenimento, vídeos informativos, e outros tipos de conteúdo informacionais. Então se o aluno desenvolve a desnaturalização e o estranhamento para esses recursos ao longo do seu dia e na sua vida mesmo fora do contexto escolar, ele vai consumir esses conteúdos de uma maneira diferente, principalmente sabendo que por de trás daquele conteúdo de vídeo tem alguém apresentando a informação e com alguma intencionalidade

11 - Considerações finais

Considerando que o Brasil tem 214,3 milhões de habitantes, e atualmente no Brasil existem 464 milhões de dispositivos digitais (computadores, notebook, tablets, smartphones) sendo 249 milhões de celulares, e que 90 % dos domicílios têm acesso à internet, e além disso, que o YouTube tem 142 milhões de usuários brasileiros; é possível compreender a importância de se discutir a introdução do uso das TICs em sala de aula.

Na escola que estagiei pude perceber que a maioria dos alunos tinham um smartphone, e a grande maioria tinha internet de dados móveis. Não fiquei sabendo de nenhum caso de aluno que não tinha o smartphone, mas sabia que alguns não levavam para a escola apenas usavam os dispositivos em casa.

Esses dados quantitativos e essa minha experiência na escola mostram que essas tecnologias de informação e comunicação se tornaram extremamente acessíveis, a um ponto de que quase todas as pessoas têm acesso a algum dispositivo e a internet. Essa acessibilidade permite com que quase todos os brasileiros estejam não só interagindo uns com os outros de maneira pessoal no nosso mundo físico material, mas também de maneira virtual no mundo digital.

Os seres humanos interagem uns com os outros, mas também com a tecnologia e através das tecnologias. As sociedades desenvolveram diversas tecnologias de informação e comunicação, e foram interagindo através delas como: os livros, a prensa, fotografias, filmes, rádio, televisão, computador pessoal, a internet, entre outras. Essas tecnologias permitiram que fizéssemos coisas que até então não conseguimos, e essas novas possibilidades alteraram a vida dessas sociedades.

O transcendental histórico (PIERRE LÉVY, 2010 apud NETO e SILVA, 2019) como sendo forma de pensar, sentir e se comportar comuns as pessoas dentro de um determinado contexto histórico-cultural, também é alterado em função das tecnologias que esses humanos estão utilizando. Por isso que hoje, ao utilizar esses dispositivos eletrônicos com acesso à internet, podemos dizer que vivemos dentro do transcendental histórico de uma sociedade em rede. Isso quer dizer que nossa forma de pensar, sentir e se comportar também é influenciada por outras pessoas que utilizam das tecnologias de informação e comunicação eletrônicos, pois afinal de contas nós estamos interagindo com eles através dessas tecnologias. Por isso, posso

dizer que somos influenciados pelos fatos sociais existentes aqui no mundo físico material, mas também pelos fatos sociais existentes no mundo digital.

Essa nova forma de interagir um com os outros através das tecnologias de informação e comunicação principalmente a dispositivos eletrônicos e acesso à internet, afeta muito os aspectos educacionais, pois uma pessoa não está necessariamente presa ao conhecimento da sua localidade, mas sim a todo conhecimento disponibilizado na internet. Para exemplificar imagine antes da tecnologia de computação e internet uma pessoa que nascesse em uma cidade pequena do interior, ela teria conhecimento dos aspectos linguísticos, culturais e educacionais daquele contexto, basicamente ela iria ser educada com os livros didáticos e com os professores, e se limitaria o que esses meios educacionais conseguiram fazer. Mas agora mesmo estando numa cidade pequena do interior, a pessoa possuindo um dispositivo eletrônico de acesso à internet pode ter acesso a todo o conhecimento da humanidade, tendo acesso em números textos escritos, áudios, livros, músicas, filmes, séries e cursos online. Essa pessoa não seria apenas membro de uma sociedade pequenininha do interior, mas seria membro de uma sociedade digital que conecta as pessoas independente do espaço geográfico, e seria altamente influenciado por todo esse conteúdo digital que ela estaria tendo acesso.

Essas tecnologias de informação e comunicação acabaram criando esse transcendental histórico de sociedade em rede, que por sua vez acabou afetando também a educação, criando um novo paradigma educacional, ou seja, circunstâncias novas na qual a educação deve ser exercida que anteriormente não tinham.

Se antigamente o aluno tinha quase como única forma de adquirir conhecimento escolar acadêmico a escola, enquanto instituição e ambiente físico, hoje ele já tem todo o conteúdo disponibilizado na internet. Nessas condições o aluno tendo uma prova, pode assistir aula de revisão de algum professor ou buscar o conteúdo na internet para poder fazer a prova, ou o trabalho; ou também buscar outras explicações com outros professores sobre aquele conteúdo de sala; ou até mesmo buscar trabalho já feito por outros alunos e fazer uma simples adaptação e apresentar como se fosse o dele; mas talvez o principal desafio que a educação vai passar nesse novo paradigma dentro de uma sociedade em rede é o da competição epistemológica.

Se antigamente os alunos apenas tinham como fonte de conhecimento os seus professores, atualmente eles têm outros criadores de conteúdo na internet. Esses outros criadores de conteúdo podem transmitir informações errôneas, falsas, enganosas, desatualizadas, intencionalmente ou não. O aluno pode acabar assistindo esses vídeos, lendo esses textos, vendo imagens, de um conteúdo totalmente irreal, inverossímil, e falsa, mas

acreditar como sendo algo real e verdadeiro, da mesma forma que acreditaria no seu professor. Se isso acontecer, o aluno pode aprender coisas erradas pensando que está certo. E pior, ele pode substituir o conhecimento aprendido na escola com os professores, por esse conhecimento aprendido na internet, sem perceber que ele está substituindo algo verdadeiro por algo falsa, porque para esse aluno existe diferença entre algo que o professor ensine de algo que qualquer pessoa ensina na internet. Possivelmente o aluno não percebe que o professor é uma autoridade academicamente formada, com ensino médio e um ensino superior completo, às vezes mestrado e doutorado; enquanto um criador de conteúdo da internet não precisa ter nenhuma qualificação, muito menos ensino médio completo; entretanto ambos conseguem falar e gravar um vídeo explicando determinado assunto com seu ponto de vista. Sendo assim, vejo como um grande problema para a escolarização no nosso atual transcendental histórico de sociedade em rede, se o aluno der mais autoridade para o criador de conteúdo online que não é formado naquela área de especialização, do que o seu próprio professor escolar.

Para evitar que os alunos acabem aprendendo coisas erradas na internet, o professor pode tomar algumas medidas, e consigo pensar em duas muito claras com base nos textos lidos. Primeiro, o próprio professor pode criar um conteúdo e disponibilizar ele na internet na forma de videoaulas, textos, áudios, imagens, quadrinhos, e a minha intenção com esse trabalho era justamente mostrar isso na prática, por isso que fiz videoaulas e coloquei no YouTube e fiz os alunos assistirem; dessa forma os alunos mesmo fora da sala de aula e fora da escola, podem ter acesso ao aprendizado causado por aquele mesmo professor que eles têm em sala de aula; sendo assim o processo de ensino e aprendizagem dos alunos se estende para além da sala de aula. Outra solução para esse desafio é o professor selecionar conteúdos feitos por outros profissionais, às vezes mais bem qualificados do que eles, seja em videoaulas, podcast, textos, áudios, livros, e disponibilizar esse conteúdo na internet, seja em playlists do YouTube, seja em um AVA, mais permitindo que os seus alunos tenham acesso a esse conteúdo; a grande vantagem aqui seria que mesmo os alunos acessando o conteúdo feito por outras pessoas que não são seu professor eles teriam a segurança que é um conteúdo válido coerente correto verdadeiro e que tem o aval do seu professor.

A Antropologia e a Sociologia visual são áreas que tentam compreender a realidade social através de imagens. Elas entendem que as pessoas utilizam de imagens para retratar a realidade, porém a imagem é só uma parte da realidade. Devido a isso dentro da Antropologia e Sociologia visual existe esses conceitos de representações como sendo os desenhos as ilustrações as pinturas, tentativas óbvias do ser humano em retratar a realidade. E

representações como sempre fotografias e filmagens, que também são representações porém que fazem as pessoas pensarem que são realidade.

Uma videoaula pode possuir desenhos, ilustrações, pinturas, fotografias, e portanto dentro dela a representações e representificações. Mas em última análise as pessoas pensam que aquilo que é apresentado nas videoaulas é a realidade. Então o que acontece com as videoaulas é muito parecido com as produções audiovisuais documentais. Estas realmente têm o poder de fazer as pessoas pensarem que aquilo que é mostrado é a realidade. Isso porque as pessoas desconsideram que as imagens ali mostradas sejam fotografias, filmagens, gravações, os sons, as músicas, são construídas intencionalmente. E a videoaula também é construída pelo autor.

O conteúdo que aparece na videoaula, assim como nos documentários, seja fotos, ilustrações, desenhos, gravações, filmagens, músicas, áudios, tudo isso é selecionado pelo autor daquele conteúdo e, portanto, varia dependendo da subjetividade daquela pessoa

Enquanto construí as videoaulas que apresentei em sala pude perceber justamente, isso que tinha um domínio de tudo aquilo que seria apresentado. Essa questão pode ser vista, se por um exemplo, for selecionado vários professores e todos eles têm que fazer uma videoaula sobre o mesmo tema. Cada professor vai criar um conteúdo com base na sua experiência cultural e seu posicionamento político, teórico e conceitual que está mais familiarizado, e a sua forma de ensinar.

O professor irá escolher o que ele irá falar e o que ele não irá falar, o que ele irá mostrar e o que ele não irá mostrar, a ordem de como ensinar, o que virá primeiro e o que virá depois ao longo da videoaula. Por mais que o conteúdo seja igual, cada professor irá ensinar de uma maneira diferente.

Um professor pode fazer uma videoaula apenas falando, o que não seria muito diferente de uma aula expositiva em sala, outro pode apresentar slides e uma gravação da sua narração por detrás, outro pode apresentar imagens e cenas de outras filmagens com a sua gravação por de trás, outro pode apresentar imagens e filmagens e o seu rosto no cantinho da tela, outro professor pode fazer uma narração e personagens com desenho animados, etc.

Uma produção audiovisual documental e uma videoaula tem a sua dimensão de forma e essa dimensão de conteúdo. Se a pessoa que assiste apenas captam a informação através da dimensão do conteúdo ela pode acabar facilmente pensando que aquilo é a realidade em si. Mas se a pessoa que assiste analisa a questão da forma, ela vai começar a perceber que as imagens são escolhidas, a fotografias, desenhos, os mapas mentais, as gravações, as cenas, as músicas,

os áudios, tudo está escondido e colocado em uma montagem e uma edição a própria narração por trás pode seguir um roteiro previamente estabelecido.

Se o aluno consegue ter uma capacidade de analisar não só o conteúdo, mas também a forma pelo qual videoaula construída, ele consegue perceber essas intencionalidades, e saber que aquilo não é a realidade em si mas sim uma representificação.

Nas aulas em que utilizei as videoaulas, expliquei para os alunos que fui o autor das mesmas, que escolhi as imagens, e que construí com base nos meus conhecimentos do meu ponto de vista, outra pessoa poderia explicar aquele mesmo conteúdo de uma maneira diferente. Isso levanta uma questão sobre estranhamento e a desnaturalização. Estranhamento é se afastar do senso comum, explicações religiosas, preconceituosas, explicações superficiais. A desnaturalização é pensamento de que fenômenos sociais têm uma causa natural, e não uma causa histórica, social, cultural. É possível causar nos alunos o estranhamento e uma desnaturalização não só do conteúdo apresentado na videoaula mas também da forma.

Se os alunos levarem isso para suas vidas eles nunca mais vão assistir um vídeo na internet agindo como se fosse uma coisa mais normal e natural do mundo, eles vão levar esse comportamento de estranhar de desnaturar e vão perceber que aquele conteúdo apresentado parte de uma intencionalidade do autor. Além disso, a utilização de videoaulas com imagens de desenhos, ilustrações, modelos 3D, fotografias, filmagens, gravações, isso pode causar um aprendizado significativo dos alunos, pois é o que faz parte do cotidiano deles e se conecta com a experiência de vida deles.

Como já mostrei no começo do trabalho, quase todas as pessoas no Brasil tem acesso a um dispositivo, a internet, e utilizam as redes sociais. Na escola que estagiei não era diferente, a maioria dos alunos tinham seu próprio smartphone, tinha acesso à internet, seja em dados móveis ou internet doméstica, e utilizavam das redes sociais, tanto é que o professor que ministrava aulas naquela escola passava a grande parte do conteúdo pelas redes sociais. E praticamente todos os alunos ali conheciam e usavam o YouTube.

Como o YouTube é uma das maiores redes sociais de vídeos, já existem diversos profissionais formados na área e professores que fazem vídeos explicando determinados conteúdos. Um professor pode utilizar desses vídeos feitos por outros professores e profissionais para ensinar os alunos, ou até mesmo para ser um complemento à aula que já foi ministrada em sala. O professor também pode utilizar como sendo uma forma de ilustração, ou seja, ele ensina os alunos e mostra exemplos gravados e disponibilizados no YouTube. Outra

vantagem é a linguagem que essas pessoas que gravam vídeos têm que é muito familiar aos alunos da escola, pois estes consomem vídeos no YouTube no seu dia a dia.

Antes desse transcendental histórico de sociedade em rede, o paradigma educacional consistia na necessidade do acesso a uma escola física e lá permanecer para ser ensinado pelos professores. E, de fato, em um contexto analógico, e isso era imprescindível para a escolarização das pessoas. Atualmente as pessoas têm acesso ao conteúdo escolar e conteúdo não escolar através da internet. Isso faz com que o ensino escolar também prescindia de adaptação para se adequar ao mundo digital

A seleção de videoaulas tem que fazer parte de um plano de aula em um plano de disciplina elaborado pelo professor. No meu caso tinha feito um plano de aula que levava em consideração a videoaula feita por mim, mas acredito que qualquer professor também pode fazer um plano de aula utilizando de videoaulas feitas por ele mesmo, ou por outros professores explicando aquele conteúdo. Inclusive ele pode até ficar mais focado na execução de outras atividades além da simples explicação de conteúdo.

Para se fazer a videoaula é preciso ter alguns recursos e qualificações. Atualmente com o smartphone já é possível gravar a imagem do professor e a voz dele, mas para uma produção de maior qualidade ainda precisa de um estúdio semi-profissional, com uma câmera, um microfone, uma iluminação, e um local adequado para gravação. Além disso, o professor que cria as videoaulas precisa ter um dispositivo como um computador, que permita ele fazer edição e montagem das videoaulas. Mas principalmente, o professor tem que ter a qualificação de saber utilizar softwares de edição, mas principalmente para conseguir fazer a gravação, para colocar imagens, textos, outras filmagens, e diversas atividades que são atribuídas geralmente a um profissional do audiovisual. Essas atividades não são tão difíceis de se aprender, mesmo consegui aprender em duas semanas para poder fazer as videoaulas que usei no estágio. Se uma videoaula é apenas um professor falando, esse trabalho de montagem de edição se torna extremamente fácil, mas quanto mais sofisticado com a inclusão de textos animados, imagens, modelos 3D, filmagens, narrações, esse trabalho de montagem e edição vai ficando mais difícil. Além disso, se o professor escolher fazer uma gravação com mais de um bloco, ou seja, não grava apenas no estúdio ou na sua própria casa, mas também vai para outros locais, e gravar mostrando os objetos de estudo, ou interagindo com o espaço, isso vai trazer um outro grau de dificuldade, que seria a parte de se locomover e arranjar tempo para gravar no local e no horário adequado no dia apropriado.

Existe também a possibilidade do professor ter um trabalho extra de criação do material que será apresentado dentro da videoaula. Pois existe a produção de uma videoaula mais simples, onde o professor pega recursos que já estão disponíveis na internet e os coloca dentro da videoaula. Existe também a modalidade onde o professor cria esses próprios recursos, o que exige uma capacitação além da própria criação de uma videoaula, pois o professor precisaria ser qualificado para conseguir tirar fotos, fazer ilustrações, criar mapas mentais, fazer infográficos, criar dramatizações, desenhos, animados, fazer modelos 3D. Isso implica muitas vezes a utilização de softwares específicos para essas atividades. No meu caso em particular, esses recursos didáticos usei os que já estão disponibilizados na internet, e apenas os apresentei dentro da videoaula. Para tanto, selecionei aqueles recursos que faziam mais sentido em serem apresentados de acordo com o roteiro que tinha escrito previamente. Afinal de contas, para se fazer uma videoaula é preciso fazer um planejamento, assim como criar um roteiro para saber a sequência do conteúdo e como ele será apresentado. E à medida que ia apresentando o conteúdo falando, eu ia mostrando e explicando as imagens.

No trabalho também explico que os vídeos no YouTube podem ser organizados como: canais de videoaulas, canais experimentais, canais científicos e canais de professores que compartilham vídeos produzidos por alunos.

Os vídeos que fiz para o estágio talvez sejam mais bem enquadrados dentro da categoria de canais de videoaulas, pois esses vídeos são organizados seguindo uma estrutura do ensino básico. Muitas vezes os autores que tem os vídeos nessa categoria seguem o sumário de algum livro didático, ou então um plano de disciplina de um ano letivo para o primeiro, segundo, e terceiro ano. É possível nessa categoria encontrar canais apresentando, por exemplo, Sociologia primeiro ano, Sociologia segundo, ano Sociologia terceiro ano, como playlist. No meu caso, os vídeos que fiz seriam: um vídeo para o primeiro ano, um vídeo para o segundo, um vídeo para o terceiro, e um vídeo mais generalista que pode ser usado em qualquer ano de ensino médio.

Os outros tipos de canais também são interessantes, por exemplo, os canais experimentais são muito comuns dentro da área de ciências naturais, onde o professor não conseguiria fazer um experimento físico-químico em sala de aula, por ser muito perigoso, por não ter os materiais, ou então não conseguiria levar um animal para sala de aula, então ele mostra esses conteúdos para os alunos. Já no caso das ciências humanas, os canais experimentais são interessantes para mostrar situações que acontecem com o ser humano, sem expor os alunos há aquela situação.

Para concluir, deixo a reflexão em forma de tópicos sobre as desvantagens e vantagens

que pude perceber ao longo da minha experiência formativa, do uso de videoaulas em sala de aula:

Desvantagens ou desafios de se fazer videoaula e usar em sala de aula na escola:

- Ter que selecionar um tempo fora da sala de aula aproximadamente uma hora para poder gravar videoaula
- Ter que montar um estúdio semi profissional como a câmera microfone iluminação e um cenário ou então se contentar com gravações com o celular
- Tem que fazer tudo planejamento e preparação da videoaula incluindo selecionar referências selecionar imagens que irão aparecer fazer roteiro
- Aprender a fazer montagem e edição de vídeos
- Fazer a montagem e a edição da videoaula inserindo as imagens as partes de outros vídeos áudios músicas modelos 3D, transições aberturas e encerramentos etc
- Mesmo fazendo upload no YouTube nem sempre será possível utilizar em sala pois às vezes as escolas não tem internet ou não tem projetor ou os alunos não tem internet pessoal dentro da escola

Vantagens de se utilizar videoaulas na escola:

- Todo o conteúdo que será apresentado será previamente planejado, preparado, selecionado e o professor tem controle de absolutamente tudo que irá aparecer na videoaula
- O professor pode gravar a si mesmo apresentando conteúdo ao mesmo tempo que apresenta imagens, fotos, desenhos, ilustrações, mapas, modelos 3D, mapas conceituais, filmagens, cenas de filmes ou séries, gravações, músicas, áudios, etc. Ou seja, todo tipo de recurso didático que pode ser usado ao mesmo tempo que é dado a explicação pelo professor
- Seu professor for dar muitas aulas iguais, ele pode gravar apenas uma vídeo aula e em todas essas salas apresentaram essa mesma videoaula, e depois dar algumas explicações e tirar dúvidas o que facilita muito a vida de professor
- O professor pode disponibilizar a videoaula da internet e passar o link para os alunos, onde eles podem assistir em casa, podem assistir quantas vezes quiser, podem assistir no lugar que for mais conveniente, e no período que for mais conveniente, facilitando a vida do aluno

- Caso professor utilize videoaulas de outros professores, ele nem teria o trabalho de fazer uma videoaula, apenas de assistir e selecionar um outro conteúdo, e poderia ensinar os alunos da mesma forma
- O professor pode usar da sala de aula invertida, mandando os alunos assistirem a aula com explicação em casa, e enquanto estiver em sala de aula ele utiliza de métodos ativos, como fazer exercícios, fazer uma redação, responder questões, fazer algum trabalho que exige a utilização desses conhecimentos adquiridos na videoaula
- Desperta o maior interesse pelos alunos, pois ouvir um professor falando durante 50 minutos pode ser algo entediante, mas assistir uma vídeo aula com 50 minutos do mesmo professor, porém botando imagens e diversos outros recursos, pode ser extremamente menos cansativo e muito mais significativo.

Se o professor montar um estúdio em casa semi-profissional e aprender a fazer gravação, edição e montagem, em um primeiro momento ele se ocupará em aprender essas atividades, mas posteriormente ele não terá mais de se preocupar com isso. As atividades de produção audiovisual também podem ser realizadas por outro profissional qualificado se o professor contratar os serviços dessa pessoa. As vantagens superam de longe as desvantagens, até mesmo porque elas podem ser minimizadas.

Uma aula expositiva onde o professor só fala pode ser considerada inferior a uma aula onde o professor apresenta além da sua explicação oral recursos imagéticos. Entretanto esse tipo de aula junto a um projetor pode ser vista de igual qualidade para uma videoaula que também utiliza recursos imagéticos. Entretanto em uma videoaula roteirizada existe uma interação entre o professor apresentador e o conteúdo audiovisual que não se tem em uma aula em sala junto de slides e imagens.

Referências bibliográficas

ANGREWSKI, Elisandra. Utilização do cinema no ensino de Sociologia: O que os professores têm a dizer?. **Educação Contemporânea-Volume 31**, p. 39, 2015.

ARANHA, Carolina Pereira et al. O YouTube como Ferramenta Educativa para o ensino de ciências. **Olhares & Trilhas**, v. 21, n. 1, p. 10-25, 2019.

Bezerra, Juliana. Imigração no Brasil. *brasilecola*, 2023. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/imigracao-no-brasil/>. Acesso em: 18 out. 2023.

Bezerra, Juliana. Navios Negreiros. *brasilecola*, 2023. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/navios-negreiros/>. Acesso em: 18 out. 2023.

Cabral, Umberlândia. De 2010 a 2022, população brasileira cresce 6,5% e chega a 203,1 milhões. IBGE, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>. Acesso em: 18 out. 2023.

Cuponation. 2023. Disponível em: <https://www.cuponation.com.br/insights-usuarios-youtube-2023>. Acesso em: 18 out. 2023.

DA SILVA, Luciano Dias; LOPES, Maurício Capobianco. Uso de videoaulas como recurso didático: critérios de análise e seleção: use of video-lectures as a didatic resource: analysis and selection criteria. **Revista Contexto & Educação**, v. 36, n. 115, p. 398-415, 2021.

FGV. Uso de TI no Brasil: País tem mais de dois dispositivos digitais por habitante, revela pesquisa, 2023. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/uso-ti-brasil-pais-tem-mais-dois-dispositivos-digitais-habitante-revela-pesquisa>. Acesso em: 18 out. 2023.

Fernandes, Cláudio. História da América. brasilescola, 2023. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/m.brasilescola.uol.com.br/amp/historia-da-america>. Acesso em: 18 out. 2023.

GOV, 2022. 90% dos lares brasileiros já tem acesso à internet no Brasil, aponta pesquisa. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa>. Acesso em: 18 out. 2023.

Hugo Silva, Victor. 81% da população brasileira acessou a internet em 2021, diz pesquisa; TV supera computador como meio. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/06/21/81percent-da-populacao-brasileira-acessou-a-internet-em-2021-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2023.

IBGE. 2023. território brasileiro e povoamento»história indígena» a origem dos índios. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/historia-indigena/a-origem-dos-indios.html#:~:text=Hoje%20j%C3%A1%20se%20conhece%20mais,de%20um%20%22subcontinente%22%20chamado%20Ber%C3%ADngia>. Acesso em: 18 out. 2023.

JUNGES, Débora de Lima Velho; GATTI, Amanda. Estudando por vídeos: o Youtube como ferramenta de aprendizagem. **Informática na educação: teoria & prática**, v. 22, n. 2, 2019.

Mapadeconflitos, AL – Povos indígenas de Alagoas lutam por direitos, identidade, tradição e sobrevivência. 2023. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/al-povos-indigenas-de-alagoas-lutam-por-direitos-identidade-tradicao-e-sobrevivencia/>. Acesso em: 18 out. 2023.

MOURA, Lisandro Lucas de Lima. Imagem e conhecimento: a educação do olhar no ensino de Sociologia no ensino médio. 2010.

MOURA, Lisandro Lucas de Lima. Imagem e conhecimento: o uso de recursos didáticos visuais nas aulas de Sociologia. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 12, n. 100, p. 159-182, 2011.

NAGUMO, Estevon; TELES, Lúcio França; DE ALMEIDA SILVA, Lucélia. A utilização de vídeos do Youtube como suporte ao processo de aprendizagem (Using Youtube videos to support the learning process). **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, p. 3757008, 2020.

NETO, Henrique Fernandes Alves; SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. Uma experiência de produção de vídeos de animação de Sociologia: proposta de ensino de Sociologia no século XXI. **Perspectiva Sociológica: A Revista de Professores de Sociologia**, n. 24, p. 141-150, 2019.

Nery, Carmen Nery; Britto Vinícius. Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021. IBGE, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021>. Acesso em: 18 out. 2023.

Porfírio, Francisco. Etnocentrismo. *brasilecola*, 2023. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/m.brasilecola.uol.com.br/amp/Sociologia/etnocentrismo.htm>. Acesso em: 18 out. 2023.

Povos indígenas do brasil, 2023. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 18 out. 2023.

Povos indígenas do brasil, 2023. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Categoria:Povos_ind%C3%ADgenas_em_Alagoas. Acesso em: 18 out. 2023.

Sena, Ailton. Relativismo cultural, educamaisbrasil, 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/Antropologia/relativismo-cultural>. Acesso em: 18 out. 2023.

SILVA, José Edson da et al. Ensino da disciplina de Sociologia: tecnologias contemporâneas utilizadas como estratégia de aprendizagem no ensino médio. 2020.

Silva, Daniel Neves. Povos Indígenas do Brasil. brasilescola, 2023. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/m.brasilescola.uol.com.br/amp/brasil/o-indigena-no-brasil.htm>. Acesso em: 18 out. 2023.

Souza, Thiago. Povos indígenas do Brasil: principais tribos, sua cultura e história. todamateria, 2023. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/indios-brasileiros/>. Acesso em: 18 out. 2023.

THOMAZ, Lucas Rodrigues. A utilização das tecnologias de informação e comunicação no ensino de Sociologia. V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica 23 a 25 de julho de 2017

Volpato, Bruno. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2023, com insights, ferramentas e materiais. resultadosdigitais. 2023. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 18 out. 2023.

Apêndice A

Planos de Aulas utilizados durante os estágios:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
ESTÁGIO 4

PROF. FERNANDA FEIJÓ

DIOGO DE SOUZA SILVA

Público Alvo: 1º ano

Carga Horária: 2h (duas aulas de 1h)

Tema: Povos Indígenas - Etnocentrismo e Relativismo Cultural

Objetivo: fazer os alunos entenderem os conceitos de etnocentrismo e relativismo cultural

Conteúdo Teórico:

Etnocentrismo é uma posição ideológica de um observador que analisa uma cultura diferente da sua partindo do ponto de vista de sua própria cultura.

A palavra etnocentrismo designa uma forma de enxergar outra etnia (e suas derivações, como cultura, hábitos, religião, idioma e formas de vida em geral) com base na etnia própria. A visão etnocêntrica de mundo não permite ao observador de uma cultura reconhecer a alteridade e faz com que ele estabeleça a sua própria cultura como ponto de partida e referência para quantificar e qualificar as outras culturas. Disso se resulta, grosso modo, que o observador etnocêntrico vê-se como superior aos demais em aspectos culturais, religiosos e étnico-raciais.

O etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade etc.

O etnocentrismo pode relacionar-se com o racismo, com a xenofobia ou com a intolerância religiosa, porém esses elementos não são, rigorosamente, as mesmas coisas.

O relativismo cultural é um conceito e perspectiva antropológica que se opõe à categorização de culturas como “superior” ou “inferior”. Nesse sentido, ele define que cada grupo social possui uma cultura específica que só pode ser analisada a partir de seus próprios códigos. Sendo assim, quando se propõe a conhecer uma comunidade que apresenta valores completamente diferentes dos que pratica ou adota como certo e errado, o pesquisador não deve apresentar juízos de valor sobre essas práticas. Nesse processo, é necessário que o antropólogo abandone seus próprios códigos culturais e se proponha a compreender os hábitos daquela comunidade a partir dos valores que ela possui.

O relativismo cultural foi uma perspectiva importante para os estudos dessa disciplina, sobretudo, por rechaçar o etnocentrismo e o positivismo. Essas perspectivas definiam que, quanto mais distante dos padrões europeus, mais primitiva uma cultura seria e que existiria uma progressão social a ser cumprida por essas comunidades. Nesse sentido, a perspectiva apresentada pela ideia de relativismo cultural apresenta uma importante contribuição para os estudos da Antropologia realizados no final do século XIX.

A perspectiva expressa na ideia de relativismo cultural tem como origem o pensamento do antropólogo Franz Boas. Ele foi um dos primeiros intelectuais a tecer críticas contra a organização hierarquizada das culturas que era apresentada pela Antropologia. Além disso, ele também combatia estruturas de opressões contra grupos específicos, como o nazismo. Desse modo, a literatura da área defende que o conceito de relativismo cultural surge como uma espécie de síntese das ideias que ele defendia. Contudo, esse termo nunca foi utilizado por Boas.

Metodologia:

Aula 1

- Explicar Etnocentrismo
- Práticas etnocêntricas dos alunos e do dia a dia
- Consequências do pensamento etnocêntrico dos europeus para com os indígenas
- Vídeo de 15 min <https://www.youtube.com/watch?v=0BMElcO5vYE&t=2s>

Aula 2

- Identificar semelhanças e heranças da nossa cultura com as indígenas
- Explicar relativismo cultural
- Fazer análise comparativa da nossa cultura com as dos indígenas

Avaliação:

1 - O que é etnocentrismo ? Como isso afeta as pessoas?

2 - O que é relativismo cultural? Como isso afeta as pessoas?

Resultados Esperados:

É esperado que os alunos entendam os conceitos de etnocentrismo e relativismo cultural. Como isso acontece nas suas vidas. Qual é o impacto do etnocentrismo na vida das pessoas. E como que o relativismo cultural pode ser uma solução para esses problemas.

Bibliografia:

<https://www.google.com/amp/s/m.brasilecola.uol.com.br/amp/Sociologia/etnocentrismo.htm>

<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/Antropologia/relativismo-cultural>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
ESTÁGIO 4

PROF. FERNANDA FEIJÓ

DIOGO DE SOUZA SILVA

Público Alvo: 2º ano

Carga Horária: 2h (duas aulas de 1h)

Tema: Índios - Diversidade dos Povos Indígenas

Objetivo: fazer os alunos perceberem que existem diversos povos indígenas vivendo dentro das Américas.

Conteúdo Teórico:

Os índios brasileiros formam hoje um contingente que representa cerca de 0,47% da população brasileira.

De acordo com o censo do IBGE (2010), há 896.917 indígenas no país, sendo que desse total cerca de 60% vivem em terras indígenas oficialmente reconhecidas pelo governo federal.

Deste número, 324.834 moram nas cidades e 572.083, em áreas rurais. A região norte é a que possui a maior população indígena do país.

Segundo dados do Instituto Socioambiental (ISA), as tribos que mais se destacam pelo número de habitantes são:

Guarani: originários do tronco da família linguística tupi-guarani, os guaranis somam cerca de 85 mil habitantes no país. Eles vivem em diversos estados do Brasil e estão divididos em três grupos: kaiowá, mbya e ñadevaesse.

Ticuna: pertencente à família linguística ticuna, apresenta cerca de 50 mil habitantes - que estão na Amazônia, sobretudo às margens do rio Solimões. Eles são considerados o maior grupo indígena que vive na região.

Caingangue: proveniente do tronco da família linguística macro-jê, os caingangues reúnem cerca de 45 mil pessoas. Estão em quatro estados do Brasil: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Macuxi: da família linguística Karib, os macuxis encontram-se, em grande parte, no estado de Roraima. Cerca de 30 mil indígenas vivem em aldeias e pequenas habitações isoladas pelo estado.

Guajajara: oriundos do tronco da família tupi-guarani, os 27 mil guajajaras existentes moram no estado do Maranhão.

Terena: da família linguística aruak, há cerca de 26 mil pessoas dessa etnia no território brasileiro. Encontram-se nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Yanomami: da família linguística yanomami, esse grupo reúne cerca de 26 mil pessoas nos estados do Amazonas e Roraima.

Xavante: originários do tronco da família linguística macro-jê, os xavantes têm uma população de 18 mil habitantes, que estão concentrados em reservas indígenas no estado do Mato Grosso.

Potiguara: pertencem ao tronco da família linguística tupi-guarani. Os potiguaras somam cerca de 18 mil pessoas nos estados da Paraíba, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Pataxó: da família linguística pataxó, esse grupo reúne cerca de 12 mil pessoas nos estados da Bahia e Minas Gerais.

Metodologia:

1° - Aula

- Apresentar os alunos a diversidade dos povos indígenas explicando de maneira expositiva
- Apresentar mapas pré colonização dos diversos grupos indígenas
- Apresentar os mapas atuais com os diversos grupos indígenas
- Trazer fotos mostrando diversas etnias indígenas
- Mostrar o vídeo 15 minutos falando dos diversos povos indígenas

<https://www.youtube.com/watch?v=13BiPRQITIM>

2° - Aula

- Teorizar com os alunos O que faz uma pessoa ser considerada indígena
- Apresentar a ideia de que a pessoa tem que se identificar como pertencente a um grupo e o grupo tem que reconhecer ela como fazendo parte dele
- Mostrar que os alunos se identificam com a sua cidade onde vive assim como os índios se identifica com seu grupo indígena
- Apresentar a ideia de marcadores como naturalidade: onde nasceu
- Apresentar a ideia de marcador cultural: coisas aprendidas
- Apresentar a ideia de marcador genético e fenótipo: aparência

Avaliação:

1 - Como viviam as populações indígenas antes da colonização, durante e atualmente?

2 - O que faz uma pessoas ser um indígenas? Explique com suas palavras usando os conceitos: naturalidade, cultura, aparência.

Resultados Esperados:

É esperado que os alunos terminem a aula entendendo que existem diversos grupos indígenas que eles viviam nas Américas antes da colonização que foram extremamente impactados pela migração dos europeus e a forma como vivem hoje

Bibliografia:

https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal

<https://www.todamateria.com.br/indios-brasileiros/>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
ESTÁGIO 4

PROF. FERNANDA FEIJÓ

DIOGO DE SOUZA SILVA

Público Alvo: 3º ano

Carga Horária: 2h (duas aulas de 1h)

Tema: Índios - Comunidades Indígenas em Alagoas

Objetivo: fazer o aluno compreender Quem são, e como estão, os indígenas em Alagoas

Conteúdo Teórico:

Miséria, pobreza, violência e preconceito fazem parte do dia-a-dia de vários grupos indígenas do sertão não só alagoano, como de todo o Nordeste. Espoliados de suas terras no passado, e muitas vezes obrigados a abrir mão de suas tradições e identidade em nome de uma existência precária, esses grupos se veem hoje na incômoda – e absurda – situação de ter de provar diariamente o que sempre foram: índios.

Além disso, são obrigados a enfrentar a resistência de grupos econômicos e de políticos influentes, que se aproveitam da morosidade e do descaso do Estado – em relação a direitos básicos como acesso a terra, alimentação, saúde, educação e moradia – para gerar uma complexa situação de injustiça ambiental naqueles territórios.

Esses direitos lhes são sistematicamente negados, muitas vezes sob a alegação de que não se encaixam nos critérios comumente aceitos para determinar os beneficiários de direito às terras demarcadas e programas de saúde e educação diferenciados.

Apesar de a jurisprudência, acordos internacionais e, inclusive, a legislação específica brasileira terem consagrado a auto-identificação como único critério válido para a determinação de pertencimento ou não a grupos tribais (ou etnicamente diferenciados), no Brasil, funcionários da burocracia estatal ainda possuem a prerrogativa de dizer quem é ou não índio.

Os Kalankó são hoje o exemplo mais dramático deste tipo de discriminação.

Projetos de infraestrutura, como a transposição do rio São Francisco, também têm sido identificados como ameaças ao modo de vida desses povos.

Por todos esses motivos, organizações não-governamentais, entidades ligadas a igrejas e o próprio Ministério Público Federal (MPF) têm apoiado a luta desses povos, a fim de garantir-lhes uma existência digna e de acordo com seus costumes. Enquanto isso não ocorre, a miséria, a falta de terras, a seca, a desassistência e a fome vão matando pessoas, especialmente crianças.

Metodologia:

1º - Aula

- Apresentar aos alunos os diversos grupos indígenas que vivem em Alagoas
- Apresentar um mapa da distribuição dos grupos indígenas em Alagoas
- Apresentar imagens de diversos grupos indígenas que vivem em Alagoas
- Mostrar o vídeo de 15 minutos dos diversos povos indígenas que vivem em Alagoas

<https://www.youtube.com/watch?v=4OBuzBwS5xQ>

2º - Aula

- Apresentar os seguintes povos indígenas alagoanos:
 - Povo: Jiripancó
 - Povo: Kalankó
 - Povo: Karapotó
 - Povo: Kariri-Xokó
 - Povo: Karuazu
 - Povo: Koiupanká
 - Povo: Tingui Botó
 - Povo: Tuxá
 - Povo: Wassu
 - Povo: Xukuru-Kariri

Avaliação:

1 - Escreva um texto explicando: Quais são os povos indígenas de Alagoas? Onde eles vivem? E como é a vida deles?

2 - Apresente três povos indígenas. Seu nome, onde vivem, e como é a sua situação de vida.

Resultados Esperados: o resultado esperado é que os alunos saibam que existem várias comunidades indígenas vivendo em Alagoas, e as condições em que essas pessoas vivem, e como convivem com os outros cidadãos

Bibliografia:

<https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/al-povos-indigenas-de-alagoas-lutam-por-direitos-identidade-tradicao-e-sobrevivencia/>

Apêndice B

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS 3
DOCENTE: JORDÂNIA DE ARAÚJO SOUZA
2022.2

ROTEIRO ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

1. Planejamento do material didático enquanto objeto:
 - a. **Tipo de mídia** (digital/impressa, etc) a ser disponibilizada;
 - b. **Perfil do público a ser atingido** (Ex. estudantes de 3º ano da Ed. Infantil);
 - c. **Escolha da temática** (Destacar a motivação da escolha da temática)

2. Planejamento do material didático enquanto conteúdo:
 - a. **Possibilidades de uso do material didático** (Como o material pode ser utilizado - para introduzir um conteúdo, aprofundá-lo, concluir uma temática, etc.);
 - b. **Objetivos de aprendizagem** (qual a finalidade de aprendizagem viabilizada pelo material - compreender o conteúdo X, articular conceitos, promover o debate sobre tal noção através de, etc.);
 - c. **Estrutura do conteúdo** (Como o conteúdo aparece no material, qual o conteúdo trabalhado e quais aspectos destacados – Ex. Memória dos povos indígenas em Alagoas, Religiosidade, Ancestralidade, Diversidade de gênero, etc.);
 - d. **Atividade de avaliação do conteúdo** (O material irá propor alguma avaliação da aprendizagem? Se sim, sinalizar qual.);

- e. **Linguagem:** Atentar para o perfil de produção do material e uso de linguagens/termos inadequadas/os.
 - f. **Referências:** Sinalizar e referenciar que textos/materiais foram utilizados para a produção do material didático-pedagógico.
3. Planejamento em relação ao uso do material didático (avaliação do objeto):
- a. **Contexto no qual o material didático será utilizado** (Como pensou a utilização do material? Em uma aula específica, em um projeto na escola, etc.);
 - b. **Formas de utilização** (Como o material pode ser utilizado);
 - c. **Feedback** (O material estava ou não, adequado ao fim para o qual foi criado? Houve essa previsão na elaboração?)

Respostas:

1.a. Mídia Digital - videoaula: <https://youtu.be/AVE-OjpGBxU>

1.b. Estudantes do 1º ano do ensino médio

1.c. Esse tema foi escolhido porque foi a semana dos povos indígenas na escola. Todos os professores de humanidades trabalharam esse tema.

2.a. Esse recurso didático na forma de videoaula pode ser utilizado para ensinar em sua totalidade aos alunos do ensino médio. O professor pode utilizar em sala de aula, pode mandar os alunos assistirem em casa, ou pode mandar os alunos fazerem um trabalho sobre vídeo

2.b. O objetivo é fazer os alunos compreenderem como foi a formação da população brasileira.

2.c. Migração dos humanos para as Américas. Formação dos povos ameríndios, migração dos Europeus, migração dos Africanos. Miscigenação.

2.d. Nesse material não é apresentada nenhuma atividade avaliativa. O professor terá que fazer isso por conta própria depois.

2.e. Talvez o material utiliza um pouco mais a linguagem coloquial para ficar mais fácil com pensão aos alunos adolescentes, mas evitei gírias e palavrões

2 f.

<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/historia-indigena/a-origem-dos-indios.html#:~:text=Hoje%20j%C3%A1%20se%20conhece%20mais,de%20um%20%22subcontinentem%22%20chamado%20Ber%C3%ADngia>

<https://www.google.com/amp/s/m.brasilecola.uol.com.br/amp/brasil/o-indigena-no-brasil.htm>

<https://www.google.com/amp/s/m.brasilecola.uol.com.br/amp/historia-da-america>

<https://www.todamateria.com.br/imigracao-no-brasil/>

<https://www.todamateria.com.br/navios-negreiros/>

3.a. Essa videoaula pretendo utilizar em uma aula, onde ou utilizo uma sala multimídia, ou utilizo um projetor dentro da sala de aula convencional. Pretendo iniciando a aula explicando um pouco o conteúdo introduzindo o tema, depois apresentando a videoaula, e depois tirando dúvidas dos alunos

3.b. Essa videoaula pode ser utilizada dentro de sala de aula com projetor, também pode ser utilizada mandando os alunos assistirem a videoaula em casa, e também pode ser utilizada mandando os alunos fazerem um trabalho tendo por base a videoaula

3.c. Depois da aplicação da videoaula pude perceber que ela estava adequada para apresentação para alunos do ensino médio, e talvez também possa ser utilizada para alunos do fundamental

2.

Apêndice C

Algumas fotos minhas tiradas pelo professor que me acompanhava em sala para registro do estágio em sala:





